

REVISTA MILITAR

Administração — Largo da Anunciada, 9 — Lisboa

N.º 10

Outubro de 1914

Ano LXVI

Director, proprietario e editor — Empreza da *Revista Militar*

Composição e impressão na TIPOGRAFIA UNIVERSAL

pertencente a *Coelho da Cunha Brito & C.ª* — Rua do Diario de Noticias, 110 — Lisboa

Ensinamentos da guerra balkânica

Ainda a artilharia de campanha

Num dos últimos números da *Revista Militar* e subordinado a esta mesma epigrafe, inserimos um artigo do general Herr, comandante de artilharia do 6.º corpo de exercito francês, que traduzimos da *Rivista di Artiglieria e Genio*. Esse artigo, por muitos titulos interessante e de grande actualidade, é agora contestado, em parte, por uma conferencia do capitão Alvin, inserta no número de fevereiro do corrente ano do importante periódico militar francês — *Journal des Sciences Militaires*. No intuito de facultarmos aos nossos leitores materiais para tirarem da guerra balkânica os ensinamentos que ela pode ministrar, quando estudada conscienciosamente sobre publicações devidas a profissionais de incontestavel auctoridade, vamos traduzir desse artigo a parte que se refere ao emprego da artilharia de campanha, deixando de lado o que respeita ao resumo geografico do teatro das operações e á marcha geral destas, por serem questões mais conhecidas.

Material de artilharia dos estados balkânicos

A *Bulgaria* examinára em 1903 no campo de tiro de Hoe um material Schneider, que a satisfizera por completo, porque nas experiencias lhe permitiram uma velocidade de 17 a 20 tiros por minuto. O governo búlgaro estava decidido a tratar com o fabricante, quando a intervenção da Alemanha o incitou a

proceder a novas experiências comparativas. Os trabalhos levados a cabo por uma comissão presidida pelo general Riaskoff, levaram a Bulgária a fazer em 1904 uma encomenda de 81 baterias de campanha do sistema Schneider, cujas despesas foram cobertas por um empréstimo feito em França.

A *Sérvia* conservou até 1906 as suas peças de sistema Bange. Em 1903 abriu ela um concurso entre as casas Skoda, Krupp, Ehrhardt e Schneider. Depois de duas séries d'experiências muito rigorosas, escolheu para peça de campanha o material de 75 Schneider m/1906 e para peça de montanha o material de 70 Schneider m/1906 e fez uma encomenda de 47 baterias de 75.

A *Grécia* encomendou em 1907, 36 baterias dum material análogo ao da Sérvia, depois de ter procedido a um concurso entre as casas Armstrong, Ehrhardt, Krupp e Schneider. Este certamente originou incidentes, de que a imprensa se ocupou. A comissão, presidida pelo príncipe herdeiro Nicolau, era á priori favorável ao tipo alemão. Todavia, reconheceu a superioridade do tipo francês. A casa Krupp retirou-se então do concurso, levando consigo a casa Ehrhardt, pretendendo fazer crêr que a comissão tinha interesse em preferir o tipo Creusot. O príncipe herdeiro publicou um protesto indignado, no qual se expunham as razões pormenorizadas da superioridade da artilharia francesa.

O *Montenegro* estava provido dum material Krupp, compreendendo uma peça de campanha de 8 e outra de montanha de 75, bem como obuzes.

Quanto á *Turquia*, essa adôtu em 1903, sem experiências comparativas, o material Krupp de 75 m/1903.

Em resumo, a Bulgária, a Sérvia e a Grécia, tinham peças Schneider, com diferença, dumas potências para as outras, apenas de certas particularidades. A Turquia possuía um material Krupp de modelo análogo ao material regulamentar alemão.

Características dos materiais Schneider e Krupp

Que diferença ha entre uma peça Schneider e outra Krupp, de campanha, e que influencia teve essa diferença nos triunfos da primeira? Esta questão técnica pode talvez ser estudada independentemente de qualquer consideração tática.

Ambas estas bocas de fogo têm o mesmo calibre: 75^{cm}. Os seus projecteis têm sensivelmente o mesmo pêsô: 6^{kg},5 para a

granada e shrapnel Schneider, e 6^{kg},350 para a granada e shrapnel Krupp. A velocidade inicial é em ambas 500 metros. A granada explosiva tem uma espoleta de percussão sem retardamento. O shrapnel contém 275 balas aproximadamente de 10 gramas.

O *pêso da peça* em bateria passa de 1:000^{kg} (Turquia) e 1:080^{kg} (Bulgaria) e 1:040^{kg} (Sérvia e Grécia).

As operações de *abrir e fechar a culatra* fazem-se com um só movimento de alavanca, por um parafuso de filetes interrompidos (Schneider) ou por uma cunha (Krupp).

O *lançamento de fogo* é obtido por um mecanismo de percussão.

Estes dados levam a concluir que o efeito dum tiro de peça isolado é sensivelmente o mesmo em qualquer dos dois tipos de material considerado.

Outras considerações militam, porém, em favor do material Schneider.

Convém assinalar em primeiro lugar o *freio*, que poupa os reparos, as percussões de tiro, e o *recuperador*, que armazena a energia necessária para levar a peça á posição de bateria.

Tanto num modelo, como noutro, *os freios são hidraulicos*, isto é, utilizam a resistência resultante da passagem dum liquido atravez orifícios estreitos.

Quanto aos *recuperadores*, os de Krupp são constituídos por *molas*, os de Schneider quer pelo *ar comprimido*, quer por molas. A Sérvia e a Grécia, decidiram-se pelo ar comprimido; a Bulgaria preferiu as molas por lhe parecerem mais rusticas.

Os relatorios que a seu tempo serão publicados, farão luz provavelmente sobre os méritos relativos do ar comprimido e das molas metálicas.

E', porém, nos *processos de pontaria* que reside a vantagem incontestavel em favor da peça Schneider.

Esta bôca de fogo, pode deslocar-se completamente por escoregamento do reparo sobre o eixo, como na nossa peça de 75 m/1897. Possui um aparelho de pontaria, um goniometro, que permite visar em todos os azimutes. Desta organização resulta, por um lado, que o recuo se exerce sempre na direcção do ferrão de conteira, o que impede os desmanchos da pontaria; por outro, que as operações de pontaria são independentes do objectivo, o que permite não ligar indissolavelmente o tiro á occupação da posição.

Estas vantagens primordiais existem em menor grau na peça Krupp. Esta, suportada por um berço, tem de girar em torno duma peça vertical, á altura do meio do eixo.

A alça não é independente. Desta organização resulta, por um lado, que o recuo origina uma componente ao longo do eixo que concorre para desmanchar a pontaria; por outro lado, que a pontaria indirecta ou o tiro a coberto só é possível em condições excépcionais.

Emfim, a ausencia do *regulador* no material Krupp, e talvez tambem a má qualidade das espoletas do shrapnel, originam funestas desigualdades no tiro de tempos, a que mais adiante nos referiremos.

Algumas questões de ordem técnica

As baterias bulgaras, sérvias e gregas, tinham 4 peças; as turcas, 6.

Poder-se ha ver nesta diferença d'organização da bateria de tiro um argumento em favor dos aliados?

Respondendo afirmativamente a esta questão, nós receariamos despertar em certos irreductiveis as paixões geradas no momento de voto da lei dos quadros da artilharia, de 24 de julho de 1909.

Mas, ha mais: os nossos métodos de tiro, os nossos processos de dirigir o fogo, foram copiados pelos aliados. Em 1905 uma comissão de oficiais bulgaros veio fazer o curso pratico de tiro de Poitiers; por indicações suas, cursos análogos foram criados no seu país. Officiais sérvios e bulgaros fizeram nos nossos regimentos longos tirocinios, e, de regresso ás suas patrias, foram nomeados instrutores da sua arma. O regulamento da artilharia bulgara não é mais que uma adaptação do nosso regulamento de manobras.

Finalmente, enquanto os turcos não executaram nunca, por assim dizer, escolas de tiro em tempo de paz, a occupação de terreno, seguida de tiros riais, fazia parte da instrução técnica dos artilheiros aliados.

Verdadeiras causas dos triunfos dos aliados

Das considerações precedentes é permitido inferir que o exito da artilharia dos aliados foi devido, até certo ponto, á excelen-

cia do seu material e sobretudo ao judicioso uso que souberam fazer dele.

Uma parte da superioridade moral e material, tão depressa conquistada sobre os turcos pelos aliados, é devida ao emprego mais judicioso, por um pessoal melhor exercitado, duma peça de campanha cujos órgãos de pontaria e o aparelho de regulação das espoletas são superiores ao da peça Krupp.

Dizemos uma parte, porque a causa principal da superioridade está *no valor e no espirito de ofensiva dos aliados, na inferioridade da organização do exercito turco e na mediocridade dos officiais otomanos. Muito mais que os factores técnicos, são estas as causas verdadeiras da vitória dos aliados.*

Seja, porém, como fôr, estes empregaram a artilharia de campanha, segundo os principios do nosso regulamento, em ligação intima com a infantaria: as suas baterias procuraram, tanto quanto o terreno lho permitia, apoiar, tão activamente e tão de perto quanto possivel, os movimentos da sua infantaria. Um estudo mais profundo do papel representado pela peça, na campanha dos Balkans, não pode senão firmar-nos a opinião de que a *ferramenta valeu porque o operario era bom.*

Posição das baterias

Recorreu-se amplamente ao emprego do tiro a coberto.

Os bulgaros, operando num terreno de fracas ondulações (excepto nos combates ao noroeste de Kirk-Kilissé), foram forçados a afastarem-se da crista cobridora e a empregar o telefono. Daí resultou por vezes uma demora de tiro, tanto mais lastimavel que, dando-se raras vezes lutas de artilharia, as baterias bulgaras tinham em geral por missão apoiar a sua propria infantaria conforme diz o capitão Bellenger.

Os sérvios, operando num terreno de declives fortes, aproximaram-se da crista cobridora. Esta maneira de proceder, que suprime as dificuldades de transmissão das vozes do capitão ás peças, parece ter permitido uma melhor utilização da peça de tiro rapido.

Mas, sérvios e bulgaros não hesitaram em sacrificar o desenfiamiento quando a situação o exigia. Por vezes as peças foram levadas á crista para permitir o tiro contra a infantaria inimiga. O nosso adido militar em Belgrado, diz que, durante a

guerra balkânica, os grandes desenfiamentos não foram, por assim dizer, nunca empregados e que as próprias baterias de obuzes nem sempre tiveram o desenfiamento dos clarões; a razão disso, julga ele, encontrar-se na preocupação de atirar sobretudo contra a infantaria inimiga, o que mal permite o uso de telefone.

As baterias de campanha por vezes foram mesmo instaladas a descoberto, como em Monastir, em 17 de novembro. No combate de d'Alinca (em 6 de novembro), toda a artilharia de divisão de Drina estava a descoberto na planície, a 5:000 metros das posições inimigas. No decurso do combate fez uma mudança de posição por escalões, sempre na planície, mas para se aproximar a cerca de 3:000 metros.

Um correspondente de reconhecida competencia, depois de visitar o terreno, foi de opinião que não havia outra solução possível para apoiar o ataque.

Um belo exemplo de audacia da parte duma bateria de acompanhamento viu-se no sitio de Andrinopla, diz no seu relatório o coronel d'engenharia Mondésir, que assistiu a parte das operações militares: «O comandante Drouleff (bulgaro), cujo grupo recebera uma missão de acompanhamento, perdêra grande numero de cavalos no dia 12 de março, sem que os animais de tracção enviados para substituir os mortos se lhe pndessem juntar na posição de Malash. Nestas circunstancias, formou, para o ataque da infantaria na linha principal, uma bateria de acompanhamento com os homens, os cavalos e as munições que lhe restavam. Esta bateria avançou com a infantaria (noite de 12 para 13) e, embora deixasse no caminho a metade dos cavalos, conseguiu pôr-se em combate a 300 metros do forte d'Aizi-Volu, abrigado por uma ondulação de terreno, batendo dali, com tiro d'escarpa, a linha principal de defêsa, na direcção de Aïvas-Baba, para cuja tomada poderosamente contribuiu. Reforçado por algumas peças que deixára atraz, estabeleceu-se depois na linha dos fortes, abriu fogo sobre os turcos em retirada e contribuiu para repelir os retornos ofensivos parciais que então se deram».

Quanto aos turcos, parece que ignoravam estes incidentes proprios da occupação de posições e que as suas baterias não estavam exercitadas no tiro indirecto. Na batalha de Lüle-Burgas, o capitão Bellenger, que acompanhou o coronel Mondésir viu a leste de Turkbey uma bateria instalada na posição, ati-

rando com tiro directo, ao rez da crista, quando lhe seria facil desenhia-la completamente. O mesmo verificou em Kumanovo.

Em Monastir, perto de Kakurecani, o mesmo official viu baterias com todas as peças, excepto uma, desenhadas. A peça separada tinha amplo horizonte, com vistas directas, e parecia ter sido empregada como peça-guia.

Execução do tiro

A opinião unânime dos beligerantes, é que o tiro, para ser eficaz, deve ser *de tempos, muito baixo*.

As baterias de campanha sérvias, que, de todas, foram as mais minuciosas, applicavam-se a regular cuidadosamente as alturas de rebentamento.

Pelo contrário, os tiros das baterias turcas, *bem regulados em alcance*, produziram efeitos mediocres, porque as *alturas de rebentamento eram muito mal reguladas*. A culpa pertence, em parte, á má instrução dos artilheiros turcos, em parte á ausencia de *regulador* no material Krupp empregado na Macedónia.

A peça Krupp, absolutamente comparavel á Creusot no ponto de vista balístico, era-lhe inferior pelos seus órgãos de pontaria e pela ausencia de regulador.

As distancias de tiro empregadas pelos bulgaros foram em geral muito grandes: muitas vezes procuraram utilizar as suas peças além de 5:000 metros. A este respeito os sérvios foram menos tímidos.

Na batalha de Monastir as quatro peças de campanha que a divisão da Morávia chegou a levar ás cristas, aproveitaram a obscuridade da noite para se aproximarem do inimigo, de abrigo em abrigo, por lances de 1:500 a 2:000 metros, descendo declives abruptos a braço d'homem, com cordas. Esta *progressão das báterias, de noite*, por terrenos batidos durante o dia, parece ter sido frequentemente praticada pelos sérvios, e merece recordar-se.

A superioridade alcançada pela artilharia dos aliados sobre a dos turcos foi obtida por uma luta metódica entre as duas artilharias, constituindo uma fase nitidamente definida da batalha, até serem postas fóra de combate as baterias turcas? Por outra, todas as batalhas debutam por um *duelo d'artilharia*? Dum estudo pormenorizado das batalhas de Kumanovo, Mo-

nastir e Tchataldja, o general Herr crê dever pronunciar-se pela afirmativa.

Mas, esta opinião está longe de ser perfilhada pelos beligerantes.

O chefe do estado maior do general Savor, julga, ao contrário, que nas lutas atuais não ha lugar, no decorrer da refrega, para o duelo d'artilharia propriamente dito.

Esta maneira de vêr é a de muitos officiaes bulgaros que, procurando pintar a um dos nossos camaradas a fisionomia dos combates a que assistiram, concluíram que a artilharia tinha procurado sempre *infantarizar-se*, e que esse era o único objectivo que ela devia ter em mira.

Por esta palavra *infantarizar-se*, queriam eles significar que o fito da artilharia, ao entrar em acção, deve ser, acima de tudo, occupar-se da infantaria; da inimiga para a destruir; da amiga, para desfazer os obstaculos que a possam deter.

Se as peças inimigas constituem um desses obstaculos, deve sempre tomá-las por objectivo; mas, se o tiro das peças é inefficaz contra a infantaria amiga, é contra a infantaria inimiga que deve atirar, embora a propria artilharia seja batida pela do adversario.

Esta concepção é apoiada por um episódio duma das batalhas travadas nas proximidades de Andrinopla. No dia 13 de março, diante de Drondjaros, o 12.º regimento d'infantaria bulgara, repellido na véspera, não podia recommençar o ataque, por causa do fogo nutrido dos atiradores turcos abrigados nas suas trincheiras. A 9.ª bateria do 8.º regimento d'artilharia bulgara, abriu então fogo por descargas ou rajadas contra as trincheiras e o terreno á rétaguarda delas.

Depois dum consumo de 580 projecteis, a bateria obteve o resultado de obrigar os turcos a esconderem-se na terra.

O regimento n.º 12 poudé então lançar-se ao assalto. E, todavia, a bateria que sustentou este ataque estava sob o fogo duma bateria de 15 e duma bateria de campanha de tiro rapido, a qual não era incomodada por nenhuma bateria inimiga.

Do lado dos sérvios verificou-se o mesmo. Foi principalmente contra a infantaria que a artilharia atirou. Por isso o material turco pouco sofreu.

Em Kumanovo, em 64 bôcas de fogo de campanha e 1 de montanha abandonadas pelos turcos, só uma peça estava fôra

de serviço. O total dos vestígios de balas registados sobre o resto do material não passava duma dúzia, repartidos sobre três peças unicamente. Em Monastir, todas as baterias abandonadas estavam quasi intactas.

Quanto á artilharia turca, póde-se afirmar que ela só se empenhou em lutar com a dos aliados em caso de necessidade absoluta.

Quer isto dizer que a artilharia tenha produzido sobre a infantaria efeitos de destruição? Os resultados, como veremos mais adiante, mostram que esses efeitos foram muito raros.

Mas os efeitos de neutralização e principalmente de imobilização, parecem ter sido frequentes, o que é devido sem dúvida ao amplo emprego que fizeram da fortificação passageira, tanto os aliados como os turcos.

Os aliados protegeram-se sempre, construindo abrigos, logo que receberam granadas, mas sabiam deixar os seus entrenchamentos para avançar quando era necessário, ao passo que os turcos, quasi sempre entrenchados (excepto nos ataques dirigidos por Monktar-pacha em Runar-Hissar e Djavid-pacha em Kumanovo e Monastir), não ardiam em desejos de deixar as protétoras remoções de terra.

Em suma, toda a tática da arma, no que se refere á direcção de fogo, parece resumir-se no seguinte:

Atirar, em todos os momentos da luta, sobre o principal obstaculo que se opozer á marcha da infantaria.

Ligação da artilharia e da infantaria

Este resultado só se pode obter se a artilharia estiver em intima ligação com a infantaria.

De facto, esta ligação foi sempre muito procurada, sobre tudo pelos sérvios, mas resultou mais de iniciativas subalternas que de ordens superiores. Um ponto ficou nitidamente estabelecido, foi a necessidade, para não atirar sobre a infantaria amiga, de ter a artilharia constantemente ao facto dos progressos da cadeia, que pode escapar ás suas vistas ao atravessar um barranco ou uma ondulação de terreno. Os sérvios empregaram com este fim sinais por meio de bandeirolas. Durante a guerra balkânica, indicavam todo o avanço importante da cadeia de atiradores, acendendo fogueiras de mato ou palha, ou

incendiando, em caso de necessidade, algumas casas duma aldeia ou qualquer casal isolado.

No exercito bulgaro o serviço de ligação nem sempre funcionou bem. Daqui provieram enganos e, para não citar senão dois exemplos, diremos que a artilharia bulgara atirou sobre a infantaria amiga: no ataque das posições avançadas de Pahas-Tépé, perto de Ándrinopla, onde o regimento n.º 12 d'infantaria perdeu por este motivo a quarta parte do seu efectivo, e no dia do assalto de Andrinopla, onde o regimento d'infantaria que atacava Kestenlik recebeu igualmente tiros da sua propria artilharia.

Nenhuma regulamentação foi estabelecida para assegurar a ligação necessária. Certos chefes de corpos ou de brigadas tomaram a iniciativa de procurar meios práticos para tal fim. Uns empregaram as bandeirolas e as lanternas de côr; outros obrigaram os homens a levar por cima das mochilas uma porção de palha que, amontoada na posição e ardendo, servia de sinal indiferentemente de dia e de noite.

Se exceptuarmos o *princípio*, isto é a ideia, nada de verdadeiramente positivo se aproveitou nestas diversas tentativas.

Entre os gregos a ligação da infantaria e da artilharia de campanha foi insufficiente. Nesta lacuna reside uma das causas das perdas sofridas pela infantaria helénica. Pelo contrario a artilharia de montanha deu sempre o exemplo duma bela camaradagem de combate. Em Sarandaporos, em particular, as baterias de montanha fizeram uma habil preparação, regulando o tiro deante dos officiais de ligação da infantaria, a fim de evitar qualquer causa de erro de objectivo. O mesmo aconteceu em Yénidjé-Vardar. Infelizmente as ligações desta natureza não foram senão incidentes de que a artilharia de campanha não usava, e em Janina viu-se o general Sapoundzakis, artilheiro da escola antiga, teimar num duelo de artilharia que não avançou dum dia a rendição da praça.

Efeitos da artilharia

Do que precede, resulta que os efeitos do tiro de artilharia se fazem sentir principalmente sobre a infantaria. A última guerra mostrou que o tiro contra uma bateria desenfreada é praticamente ineficaz e que uma bateria só será prejudicada pelas gra-

nadas inimigas, se fôr surpreendida em flagrante delicto de manobra ou em posição descoberta.

Poderá parecer inverosímil que em toda a campanha um só oficial da artilharia sérvia tenha sido ferido por uma bala de shrapnel. Uma bateria sérvia que atirou mais de 7.000 tiros teve apenas 4 mortos e 7 feridos. Estas informações obtivemo-las duma fonte digna de todo o crédito. Nas proximidades das baterias de 120 L. da 1.^a divisão búlgara, deante de Andrinopla, o solo estava coberto de balas de shrapnel. Todavia estas baterias apenas tiveram três homens mortos junto das suas peças por uma mesma granada de percussão e alguns, poucos, feridos.

Foi contra a infantaria que, tanto dum lado como doutro, se procurou fazer sentir os efeitos da artilharia. As perdas experimentadas pela infantaria, em consequencia do fogo da artilharia, parecem ter sido mais consideraveis do que nas guerras anteriores. Embora as estatisticas rigorosas sobre a proporção das feridas feitas pelas diferentes armas não tenham ainda sido publicadas, informações varias permitem formular algumas conclusões.

O doutor Quentchitch, director do serviço de saude dos exercitos servios, julga que os ferimentos devidos á artilharia foram, *nos servios, de 2 0/0, nos turcos (prisioneiros) de 15 a 20 por cento*. Em geral, as perdas pelo tiro da artilharia elevaram-se dum e outro lado a 10 ou 12 por cento da totalidade.

O medico francês Cousergue, incumbido duma missão em Belgrado e em Sofia, examinou nos hospitais daquela cidade 1.200 feridos servios, dos quais 15 por cento tinham sido atingidos por balas de shrapnel.

Talvez as perdas búlgaras sejam um pouco mais elevadas porque as formações destes beligerantes eram mais densas e porque os seus ataques, mais violentos, aproveitaram menos os accidentes do terreno.

Um autorisado correspondente julga que a percentagem dos homens postos fóra de combate pelo fogo da artilharia e pelo da infantaria está na razão de 1 para 9 no exercito helénico. Admite uma proporção de 1 para 8 aproximadamente no exercito turco, sem de resto justificar a sua afirmação.

Embora estas cifras não tenham um valor documental absoluto, são todavia suficientemente concordantes para nos permi-

tirem concluir que *o fogo da artilharia foi eficaz principalmente contra a infantaria, mas apenas lhe causou a décima parte aproximadamente das perdas totais. E' pois a espingarda que na guerra ocasiona o maior número de ferimentos.*

Mas, a crêr o doutor de Lacombe, cirurgião em chefe do hospital francês de Constantinopla, «é preferível receber na guerra uma bala de espingarda do que uma de shrapnel, porque estas últimas produzem ferimentos de gravidade excepcional».

Não se devem tirar destes dados conclusões para o caso duma guerra franco-alemã, porque as condições de emprego da artilharia na última campanha foram influenciadas por contingencias sobre as quais convem fixar a nossa atenção.

Em primeiro lugar *a proporção de artilharia foi muito mais fraca nos exercitos beligerantes do que ha de ser entre franceses e alemães.*

No exercito servio, a divisão de 2 brigadas de 2 regimentos a 4 batalhões, isto é, 16 batalhões, tem um regimento de nove baterias o que faz 1 peça e meia de campanha por batalhão de mais de 1.000 homens. Se se atender ás poucas baterias de montanha, de obuzes e de 120 L, chega-se á cifra aproximada de 2 peças por batalhão, isto é, perto da metade do que será no nosso exercito e no alemão.

Os búlgaros eram proporcionalmente ainda menos fortes em artilharia, porque correspondendo as suas divisões aos nossos corpos de exercito, têm a formação ternaria de 3 brigadas e contam 24 batalhões, de mais de 1.000 homens, ao passo que as divisões servias têm 16. A divisão búlgara é dotada apenas de 9 baterias, isto é 36 peças de tiro rapido, em vez das 120 que nós possuímos.

Por outro lado, os beligerantes empregaram o *shrapnel* e a *granada explosiva de percussão.*

Não possuíam nem granada explosiva de tempos (solução alemã) nem granada explosiva de espoleta retardada com funcionamento por recochete (solução francesa).

E' pois permitido inferir que em razão, por um lado, do maior número de peças proporcionalmente empenhado na luta, e por outro do emprego de projecteis mais aperfeiçoados, os efeitos da artilharia, numa guerra franco-alemã, seriam mais variáveis.

Mas é de crêr que a infantaria seja a arma mais experimen-

tada pelo fogo da artilharia. E esta previsão impõe aos artilheiros o dever de se mostrarem audaciosos para compensar esta desigualdade de sorte das armas. Devem convencer-se de que um ataque só pode ter exito quando todos os seus participantes colaborarem nêle com o mesmo ardôr. A este respeito, a guerra balkânica mostrou a ineficácia dos tiros a grande distancia, isto é, além de 4.000 metros tanto para a artilharia de campanha como para a artilharia pesada, movel.

Quer isto dizer que as baterias devem avançar sem outra preocupação que não seja a de ganhar terreno? As perdas sofridas em Kumanovo por essa bateria servia que, depois de avançar durante a noite, se estabeleceu numa posição completamente vista de dia, e em Turkbey por essa bateria turca que foi abandonada pelo pessoal, depois destruida pelos búlgaros, mostram que é necessario ocupar judiciosamente o terreno e aproximar-se do inimigo sem se expôr inutilmente.

Este resultado só se pôde obter por manobras em tempo de paz, durante as quais as baterias procurem na utilização racional dos abrigos uma protecção que os escudos só por si não podem garantir.

Não é porém menos certo que a protecção devida aos escudos é preciosa. Varios officiais búlgaros affirmaram ao nosso adido militar em Belgrado que os serventes podem continuar o serviço, qualquer que seja o fogo dirigido contra as suas baterias.

Sem nos fiarmos em demasia nesta asserção, reconhecemos as vantagens dos escudos e desejamos ardentemente que a protecção que êles nos oferecem seja completada pelo uso do capacete. Na guerra o homem procura instinctivamente garantir a cabeça.

O coronel Mondésir diz que em Andrinopla os infantes búlgaros collocaram a pá ou a mochila na cabeça para a proteger contra os estilhaços de granada e um official servio disse-me que as gamelas não foram empregadas num serviço exclusivamente culinario.

Artilharia pesada. — Morteiros

E' natural a tentação de pedir á experiencia da guerra balkânica informações sobre a questão, na ordem do dia, das peças compridas de grande calibre e dos morteiros, no ponto de vista das batalhas campais.

Apesar da opinião do general Herr, os factos de que temos conhecimento não nos permitem concluir nem pró nem contra o emprego dos calibres superiores ao de 75.

Uma das principais dificuldades do emprego da artilharia de campanha nos Balkans foi precisamente devido ao seu pêso.

A artilharia servia chegou frequentemente com atrazo, como aconteceu em Kumanovo, em que uma divisão se bateu um dia inteiro sem ter á sua disposição mais que um grupo de artilharia; e por vezes nem mesmo chegou a apparecer — como em Monastir, onde a divisão de Morawa não poudo fazer-se seguir das suas baterias.

O abandono do material turco nestes dois campos de batalha foi devido em parte ás dificuldades do terreno que embaçavam consideravelmente o movimento das viaturas.

Estes episodios tenderiam a provar que o material deve ainda ser aligeirado. Mas convém notar que a Macedonia apresenta dificuldades de percurso sérias, que não podem ser vencidas senão por um emprego mais generalizado da peça de montanha.

Quanto ás operações da Trácia, essas foram continuamente dificultadas por uma lama na qual todas as rodas se enterravam.

Todavia os búlgaros e os servios arrastaram baterias de 120 L. e baterias de obuzes com auxilio de bois.

A não ser em Andrinopla e em Tchataldja, pode-se dizer que essas baterias mal serviram.

Do lado dos búlgaros só se vêm figurar os obuzes no combate de Bounar-Hissar; e o seu emprego nem foi determinado pela necessidade de trajetórias curvas, nem pelo de bôcas de fogo poderosas, mas, sim, por uma situação critica que exigiu a utilização de todas as forças disponiveis.

Das declarações dos officiaes que fizeram a campanha, parece resultar que a questão da curvatura das trajetórias é illusoria e que os grandes calibres não são necessarios senão para o ataque de posições fortemente entrincheiradas.

Mas esta opinião é a consequencia das condições particulares em que se achavam os exercitos balkânicos e não permite concluir nem pró nem contra o emprego dos obuzes e das peças compridas nos nossos exercitos occidentais.

NECESSIDADE DOS AGENTES DE LIGAÇÃO

«Il y a dans ce domaine une mentalité nouvelle à créer».

Coronel Berchem.

O Regulamento para a instrução tactica da infantaria logo no inicio da parte referente ao combate acentua que «no combate da infantaria em ligação, com outras armas, só a inteligente cooperação de todas poderá conduzir a resultados favoráveis e decisivos». Se a infantaria é a arma que, na expressão do tenente-coronel de Colligny ¹, *conquista e conserva*, os seus esforços seriam inuteis, quando não existisse um auxilio decidido e energico das outras armas. No combate todas prestam o seu concurso, nenhum esforço será perdido, se da parte de todas houver uma compreensão perfeita da missão, que lhes cumpre desempenhar.

A cooperação da artilharia e da infantaria é mais constante é, por assim dizer, contínua. Entre a infantaria que avança e a artilharia que, com as suas rajadas violentas, lhe abre o caminho, entre a infantaria que com o seu avanço expõe á artilharia os objectivos que esta deve destruir ou, pelo menos, *neutralisar* e a artilharia que no cumprimento da sua missão apoia material e moralmente os cordões de atiradores, os quais lentamente persistentemente se aproximam das posições adversas, entre as duas armas irmãs do campo de batalha, que num entendimento bem intimo concorrem para o fim comum a *Vitória*, deverá existir uma intima ligação. «Lorsque l'artillerie ne tire pas, — dizia o gen. Langlois — la faute n'en est pas surtout á elle, la responsabilité en revient surtout à l'infanterie qui fait mal son devoir, de même que lorsque l'infanterie ne peut progresser c'est, le plus souvent, parce que l'artillerie ne travaille

¹ Tenente-coronel T. de Colligny — *Infanterie et artillerie en liaison* — pag. 3.

pas pour celle-ci» ¹. Se isto é no ataque, o mesmo diremos na defesa. E' a artilharia, que torna a marcha do atacante perigosa numa extensão superior a quatro quilometros e é a infantaria, que garante a segurança proxima da arma irmã. Mais tarde é a artilharia da defesa, que com os seus fogos diminuirá as perdas da infantaria amiga.

Sempre as duas armas numa cooperação bem intima, procurando num esforço harmonico o conseguimento do fim comum.

A cavalaria tambem concorre para o exito final Não importa, na orientação seguida, a maneira como intervirá. Opere largos movimentos, procurando inquietar a linha de comunicações do adversario e tornando, portanto, dispensavel a sua colaboração no combate decisivo da infantaria e da artilharia, como pretende v. Bernhardi ²; ou espere o momento propicio á sua intervenção na batalha como querem outros, precipitando por uma acção audaciosa e oportuna a decisão, que só mais tarde as outras duas armas conseguiriam. No entanto, a sua ligação com as outras armas não exigirá a acção constante, de imprescindivel cooperação e sacrificio mutuo, que a artilharia e a infantaria requerem para não ser derrotadas. Por isto artilheiros e infantes tanto se preocupam com a sua intima ligação. Uns e outros procuram conhecer-se mutuamente, estudar-se e entender-se para que a sua acção não resulte descosida e consequentemente fatal a ambos no momento em que o exercito seja chamado a garantir a vida progressiva da Republica, impondo a vontade da Nação aos nossos adversarios. O *particularismo das armas*, *esprit de bande à part*, diz o Principe de Hohenlohe, só lhes seria prejudicial; é passado o tempo em que a artilharia *soberba dos seus calculos* ³ se isolava despresando a pionagem, que verdadeira *chair au canon* avançava inconsciente, em massa para não se desagregar, desconhecendo a artilharia mas querendo ouvir o seu troar, parando porque tinha uma arma de fogo, mas sem a noção de que o fogo só prepara o avanço. Pertencem ao passado, a artilharia que realisava o seu duelo preliminar e a infantaria convencida de que «o fogo é louco,

¹ General Langlois—L'artillerie de campagne—pag. 321.

² Gen. v. Bernhardi—La guerre d'aujourd'hui (t. I. pag. 191).

³ V. der Goltz—Rosbach & Iéna.

só a baioneta sabe o que faz»¹, que considera a ofensiva um gesto e não uma atitude nitidamente definida, que pela sua superioridade moral aniquila o adversario.

O espirito moderno de intima ligação das duas armas, está bem assente no nosso actual regulamento tactico da infantaria. Pretendendo, por certo, afirmar duma maneira insofismavel um ponto de doutrina, que a historia da guerra sempre tem verificado e procurando incutir no espirito da nossa infantaria as realidades do combate moderno, intitulou um dos seus capitulos, duma maneira sugestiva — **Solidariedade das armas na batalha**².

E' este regulamento, que preconisa os meios de cimentar uma união bem estreita da nossa artilharia e da nossa infantaria. Sabendo pela historia, que um divorcio do tempo de paz terá como consequencia o desconhecimento mutuo no combate, o nosso Regulamento tactico da infantaria prescreve, que «nas localidades onde existam guarnições mistas, deverão os comandantes das unidades de infantaria solicitar das autoridades competentes, que em alguns exercícios as unidades das outras armas tenham representação rial ou que, pelo menos, os homens encarregados do seu figurado sejam dirigidos por oficiais das proprias armas representadas» e logo adiante, orientado pelo mesmo espirito, acrescenta «as tropas de infantaria têm sempre vantagem em conhecer a maneira de combater das outras armas. Recomenda-se, pois, a conveniencia de, sempre que as circunstancias o permitam, *as fazer assistir a exercicios de combate que aquélas realizem*, especialmente quando a artilharia execute fogos riais»³.

Reconhece-se, pois. oficialmente a necessidade de criar o espirito de camaradagem entre as armas, salienta-se que o bom resultado final duma luta com o mesmo objectivo é consequencia duma cooperação constante de todos os meios, que o co-

¹ Parafraseando este velho aforismo de Suvarof o major Hoppenstedt escreve no seu *Nouveau Warth—à l'époque des armes perfectionnées, la balle est plus sage que la baionnette la plus effilée, même dans un corps à corps où les épées se croisent.*

² Cap. VIII do *Combate*. (2.^a parte do *Regulamento tactico da Infantaria*).

³ O sr. tenente F. Mena, num artigo sobre «Processo de ligação *por baixo* da infantaria com artilharia», preconisa a existencia de *estagiarios* nas duas armas (*Revista de Artilharia*—Fevereiro, 1914).

mando dispõe para impôr a sua vontade. «E' o esforço harmonico e persistente de todas as armas, diz ainda o Regulamento tactico da infantaria, que consegue o esmagamento do inimigo».

Não basta o esforço das duas armas para conseguir a vitória. Não é sufficiente a intervenção decidida da cavalaria, aproveitando o momento fugidio duma hesitação nas fileiras adversas para apressar a decisão. Esta cooperação decidirá o resultado dum combate, conseguirá a conqulsta dum *ponto de apoio*, mas será perdida para o resultado final, se não houver outros resultados identicos.

A batalha é um conjunto de combates. O comando superior determina os objectivos, distribue as forças das diferentes armas destinadas a cada um, realisa *la liaison par le haut*, como lhe chama duma maneira impressiva o general Percin.

Mas estes combates não de ser ligados para que os bons resultados não sejam perdidos ou para atenuar as consequencias duma derrota parcial. Entre todas as forças empenhadas numa mesma acção, entre todas as unidades que estão subordinadas a um mesmo comando deve existir uma intima ligação, um entendimento profundo, uma mesma maneira de vêr, um espirito de iniciativa e de camaradagem, pois só assim conseguirão esmagar o adversario. A conquista dum certo objectivo, averiguada nas suas causas, estudada nos seus detalhes, será muitas vezes consequencia não do esforço proprio das tropas que aí combateram, mas o resultado da intervenção oportuna de outras tropas que, animadas de espirito de abnegação, cooperaram indirectamente nêssa conquista. *Só esta convergencia de esforços garantirá a vitória.*

Combate-se numa frente de muitas dezenas de quilometros, os efectivos são imensos e diluem-se, evitando as consequencias funestas duma grande densidade da linha de fogo. O moderno armamento determina o *vacuo do campo de batalha*. Nêstas condições a convergencia dos esforços torna-se difficilima. E' necessario, que uma preparação cuidada e metódica transforme num habito essa cooperação indispensavel para vencer. São precisas qualidades morais para que o espirito de camaradagem, de abnegação e de sacrificio se evidencie, qualidades intellectuais para que exista uma doutrina, para que o espirito de iniciativa se manifeste sem hesitações.

No exercito francês a propaganda neste sentido tem sido activissima. Entre outros, para só citar os principais, os generais Langlois e Percin e os maiores Niessel e Morelle proclamaram como indispensavel a convergencia de esforços.

O assunto é difficil. O capitão Billard no seu interessante livro «Education de l'Infanterie» inicia o capitulo La liaison com as seguintes palavras: *Sur le papier du moins, la liaison est à l'ordre du jour. Dès qu'on entame l'application le vague apparaît.*

*

* *

Para que a convergencia de esforços se realise, é necessario uma acção coordenadora, é indispensavel que o comando superior oriente os esforços de todos, canalise, por assim dizer, os recursos disponiveis. Para que as *directivas, ordens e instruções* sejam oportunas torna-se necessario que as *informações* das diversas frações mantenham o comando conhecedor da situação de cada um, a fim de que a situação geral se defina com precisão.

E' indispensavel, que as ligações com o comando sejam seguras e rapidas para que nas batalhas do futuro se não repita o 18 de agosto de Moltke, que o sr. capitão Costa Veiga indica nos seguintes termos: «Por último, saltam diversos elementos para fóra da orbita que lhes tinha sido marcada, e, dentro em breve, da sua acção desarmonica e irreflectida, surgem as mais graves complicações para o succésso final. Steinmetz, Manstein e o Principe do Wurtemberg procedem contra as intenções do generalissimo, e este, daí a pouco, já não póde ter mão na imensa e complicada maquina, *cujas peças trabalham á doida, sem ordem nem harmonia*»¹.

Para que a convergencia de esforços se realise é necessario que todas as armas, e muito especialmente as duas armas irmãs, a quem cumpre um mesmo objectivo, a infantaria que avança ou detem o inimigo e prepara o contra-ataque e a artilharia que auxilia com os seus fogos, que abre o caminho com as suas rajadas ou paralisa o ataque com a manobra das suas trajectorias, é necessario que estas duas armas estejam intimamente ligadas;

¹ Capitão Costa Veiga—A ofensiva na batalha moderna, pag. 242.

uma deve ser auxiliada, a outra deve ajudar com oportunidade e eficacia, deve conhecer onde essa cooperação se torna imprescindível ou mais necessaria, deve ainda saber qual o obstaculo que, num dado momento, agarra a infantaria amiga ao terreno.

Finalmente, para que a convergencia de esforços se realise é necessario o espirito de camaradagem bem radicado na alma dos comandos, torna-se imprescindível a unidade de doutrina solidamente difundida, o espirito de iniciativa, o amôr das responsabilidades, a noção bem nitida dos deveres a cumprir, constituindo a base da educação moral dos quadros e das tropas, o solido fundamento dos caracteres. «Todas as unidades em primeira linha, diz o nosso Regulamento tactico da infantaria mantêm entre si uma ligação contínua».

*

*

*

Dos três aspectos, que reveste o problema das ligações — *ligação com os comandos superiores para a transmissão de informações e ordens; ligação com as tropas que têm o mesmo objectivo particular; e ligação que garanta a transmissão de noticias às unidades, que combatem nos sectores proximos*, só nos occuparemos dos dois últimos aspectos, que são objecto das «Instruções para os agentes de ligação da infantaria»¹.

Vejamos primeiro os processos de garantir e assegurar uma íntima ligação entre a infantaria e a artilharia.

A primeira condição, já demonstrada, está no conhecimento mutuo das duas armas, na noção que cada uma possui da justa medida do seu valor eficiente, a artilharia sabendo que os seus esforços isolados, — o antigo duelo preliminar — serão absolutamente inúteis, a infantaria verificando pela historia, que se a artilharia lhe não abre o caminho conseguirá, talvez, a vitória, mas á custa dum enorme sacrificio de vidas.

¿Mas, deve ser a artilharia, que sentindo as necessidades da infantaria lhe presta o conveniente auxilio ou, pelo contrario, deve ser esta, que reconhecendo a impossibilidade de conseguir com os seus unicos recursos o objectivo designado, reclama

¹ Designaremos estas Instruções por I. A. L.

o socorro eficás da arma irmã? No mundo militar tem sido batidíssima esta questão.

Pelo primeiro processo — *liaison par la vue* — diz o tenente-coronel Colligny ¹ — é a artilharia que, guiada apenas pela vista, cuida em apoiar o avanço dos atiradores, reforços e reservas, conforme as dificuldades que, segundo a artilharia supõe, a infantaria encontrará no seu combate. Pelo segundo processo — *liaison par le bas* — é a infantaria, que sentindo bem os atritos da luta dá a conhecer as suas necessidades; pertence-lhe indicar á artilharia o objectivo preciso e o momento rigoroso em que as dificuldades se acumulam e tornam precaria a sua situação.

¿Que processo é preferível? A ligação pela vista aconselhada e defendida por Langlois, como satisfazendo ás exigencias do combate moderno encontra, no seu exclusivismo, numerosos contraditores. O General Percin defende com brilho e preconiza entusiasticamente o que ele chama — *liaison par le bas*; na sua interessante manobra de Lorlanges ² prova de uma maneira irrecusavel os erros que a unica ligação pela vista, pode ocasionar e a lição insofismavel da historia, indica-nos os inconvenientes de não ser estabelecida a *liaison par le bas* ³, que as I. A. L. traduzem por *ligação material*. O capitão Krasnow deixou-nos no *Rouskii Invalid* (Invalido Russo) ⁴ uma pagina emocionante descrevendo esse episodio heroico da guerra russo-japonêsa, que foi a destruição do grupo Smolenski; a falta de ligação entre a artilharia e o seu apoio determinou uma surpresa; as linhas japonêsas avançavam no nevoeiro e os officiais das baterias russas deixam aproximar o adversario a 150 passos, hesitando se teriam na sua frente tropas amigas.

Enganos, como o que citamos, são vulgarissimos e por isso certamente, os I. A. L. afirmam — «só uma ligação material, criteriosa e solidamente estabelecida, torna proficua a ligação intelectual e moral, que deve existir entre todos os comandos».

Esta ligação material tem a maior importancia. E' no exer-

¹ Id., pag. 7.

² «La manœuvre de Lorlanges», pag. 30.

³ Ver em «La vie militaire» (1911-1912) um notavel artigo do General Percin — intitulado — *La question de l'obusier de campagne*.

⁴ Niesel — «Enseignements tactiques découlant de la guerre russo-japonaise», pag. 36 a 41.

cito inglês, que este serviço se encontra mais perfeitamente assegurado, em consequencia dos ensinamentos da sua campanha Sul-Africana. «Todos os officiaes ingleses, diz um auctor alemão ¹, estão convencidos, que um serviço de transmissão de ordens, informações e noticias seguro e rapido é da maior importancia; os officiaes estrangeiros, que assistem ás grandes manobras inglêsas, ficam impressionados com a habilidade e rapidês desenvolvidas no estabelecimento e funcionamento das ligações entre os comandos e as tropas, até á linha de combate mais avançada, attribuindo a este facto, *a serenidade com que decorrem os exercicios de combate na Inglaterra*».

E' uma das particularidades do exercito inglês ².

Só a ligação material permitirá á artilharia, na expressão do General Percin — *sentir constamment battre le pouls de son infanterie*.

*
* *
*

Interessando-nos, muito principalmente, as ligações em combate, vemos que o nosso Regulamento tactico da infantaria afirma na 2.^a parte (*combate*) que «como meios de ligação, devem ser empregados todos os processos técnicos, que garantam uma transmissão rapida e segura» e acrescenta «o telegrafo, (com fio ou sem fio), os automoveis e as motocicletes são empregados nas ligações entre as divisões e destas com os regimentos». Ficam, portanto, para assegurar as ligações entre os regimentos e dentro destas unidades, bem como entre a infantaria e a artilharia, os cavaleiros, os ciclistas, os postos telefonicos, os postos de sinaleiros e as cadeias de homens devendo «os diversos *meios de ligação*, dizem as I. A. L. ser utilizados conforme os recursos disponiveis, situação tactica, natureza da região, configuração do terreno e rêde de comunicações, *procurando-se uma conveniente economia de pessoal e uma transmissão rapida e segura pela escolha judiciosa dos meios de ligação*».

Este principio deixando completa iniciativa na escolha dos *meios de ligação* a adótar não obsta, que as mesmas instruções

¹ Citado por Niessel — «Procédés de liaison dans le domaine tactique» pag. 69.

² Thomasson — «Les grandes manœuvres anglaises en 1913», pag. 8.

afirmem — «as tropas em primeira linha, em geral, só poderão utilizar cadeias de homens e postos de sinaleiros».

De facto, os cavaleiros e ciclistas desapareceram da linha de fogo como estafetas.

Será impossível percorrer a cavalo uma zona, em que, na expressão de Soloviev, «on a affaire a un ennemi qu'on ne voit pas»¹.

«O cavaleiro das guerras de Frederico e das campanhas napoleonicas; o vistoso *hussard* que, de *sabretache* ao lado e pe-lança ao vento, corria ao galope através da metralha inimiga, atirando-se pelo meio da fumaça, diz o sr. capitão Veiga, desapareceu para sempre do campo da realidade»². Da mesma maneira o General russo Duque Sergio Mikhailovitch, no relatório da guerra da Mandchuria, diz: «a transmissão das ordens por estafetas, é inadmissível nos sectores de combate».

As I. A. L. também não consideram os postos telefonicos como proprios para as ligações entre as tropas em 1.^a linha.

Em seguida ás ultimas batalhas da Mandchuria afirmou-se, que os japoneses tinham feito um largo emprego do telefonio. Assim, o major Meunier, indica, que «em Porto Artur, cada regimento possuia telefonistas, que seguiam as colunas de ataque e estabeleciam uma linha. Quando a infantaria ocupava uma posição de tiro, cada telefonista, que tinha 200 a 300 metros de fio enrolado á cintura e um telefonio, estabelecia a ligação com as unidades proximas. Com alguma pratica tornou-se possivel transmitir uma ordem numa frente de algumas divisões e informar a artilharia, em posição á rétraguada, dos efeitos das suas granadas»³.

Seria um magnifico processo de assegurar as ligações, mas muitos auctores contestam a possibilidade de conseguir uma transmissão telefonica entre as tropas em 1.^a linha na offensiva e o General v. Bernhardt⁴ diz, duma maneira geral, que no combate o telefonio não é pratico por falta de tempo para o instalar, ou por causa da possibilidade de se interromper a li-

¹ Capitão Soloviev — «Impressions d'un chef de compagnie», pag. 42.

² Ibid., pag. 237.

³ R. Meunier — «La guerre russo-japonaise», pag. 513.

(Parece-nos pouco 200 a 300 metros de fio).

⁴ «Opinions allemandes sur la guerre moderne», 1 fasc., pag. 51.

nha telefonica. No entanto, o major Niessel⁵ afirma: «D'une manière générale il ne faut pas pousser le téléphone trop avant. Au combat, dans l'offensive, on ne dépassera guère les réserves de bataillon de la première ligne; dans la défensive, surtout sur une position organisée, on peut cependant pousser assez en avant le téléphone jusqu'aux lignes de tirailleurs». Compreende-se, que na defensiva seja facilimo estabelecer uma linha telefonica, mas na ofensiva, durante o avanço da infantaria, mais ou menos lento, pelos terrenos cortados ou cobertos o estabelecimento duma linha será extremamente difficil. No combate de encontro, em que os dois adversarios animados dum mesmo espirito de ofensiva energica e decidida procuram obrigar as tropas inimigas á defensiva, como unico meio de assegurar a Vitoria, o funcionamento dos postos telefonicos pode-se dizer impossivel entre as tropas em 1.^a linha e mesmo quando o combate de encontro perde os seus caracteristicos e se transforma num ataque planeado, porque um dos partidos sentindo a sua fraquêsa, ou antes, porque julgando-se em condições inferiores se decide a defender uma posição, ainda o estabelecimento duma linha telefonica para o partido que impôz a defensiva nos parece muito difficil. A guerra russo-japonêsa tem caracteres, que não se encontrarão numa guerra europeia; a ofensiva dos japoneses, por circunstancias hoje perfeitamente averiguadas, foi lenta e, portanto, o telefonio encontrou um largo emprego. Sabemos que os projeteis inimigos podem cortar uma linha telefonica e algumas vezes assim succedeu na Mandchuria, mas, como este facto não será muito frequente, as nossas I. A. L. deveriam incluir os *postos telefonicos*, a par dos postos de sinaleiros e das cadeias de homens para assegurar as ligações entre as tropas em 1.^a linha ou, se assim fosse julgado preferivel, aconselhar os postos telefonicos como de emprego vantajoso na defensiva e no ataque planeado. O exclusivismo das nossas instruções parece-nos prejudicial.

Prescrevem as I. A. L. as *cadeias de homens*, indicando que a distancia entre os homens variará de *60 a 200 passos*, conforme o terreno e o processo de transmissão adótado. Ora, as *cadeias de homens*, contrariando o principio da economia das forças, pois exigiriam grandes efectivos, quando as unidades es-

⁵ «Enseignements», etc., pag. 78.

tivessem com largos intervalos ou a grandes distancias, seriam de impossivel emprego em tais circunstancias, além de que o seu emprego é muito aleatorio; diz Soloviev ¹, que nas *cadeias de homens* o troar da artilharia amiga, as granadas inimigas que rebentam, o crepitar das metralhadoras e o tiroteio das infantarias tornam impossivel ouvir as vozes, «sucendendo que para dar uma ordem é, por vezes, necessario gritar ao ouvido» ².

O emprego dos *postos de sinaleiros* é frequentissimo e «num terreno acidentado ou muito cortado, dizem as I. A. L., só os postos sinaleiros permitem uma *transmissão segura e rapida*». Compreende-se que assim seja. Os postos de sinaleiros estabelecidos em locais convenientes, ao abrigo das vistas do inimigo e a distancias variaveis com a natureza da região, configuração do terreno e circunstancias atmosfericas, garantem uma transmissão rapida de todas as ordens, informações e noticias, com apreciavel economia de efectivos. O seu emprego foi frequentissimo na guerra russo-japonêsa, dispondo os japoneses, até de postos sinaleiros espiões, que lhes transmitiam informações precisas dos efectivos e movimentos das tropas russas.

Não é só no combate, que os *postos de sinaleiros* têm um larguissimo emprego. Nos estacionamentos para estabelecer a ligação entre os diversos escalões dos postos avançados e entre estes e as forças á rétraguada e nas marchas para garantir a segurança do grosso das colunas. De dia utilizando *bandeiras*, de noite empregando *lanternas*, por vezes, simples lanternas de bicicleta, os *postos de sinaleiros* são dum emprego constante na guerra moderna.

O capitão suiço Diessbach num artigo — «*Des signaux optiques dans la cavalerie divisionnaire*» ³ salienta a importancia dos postos de sinaleiros, imaginando um episodio, cuja descrição nada tem de inverosimil para quem conheça algumas monografias modernas ou mesmo para quem tenha assistido a alguns exercicios com tropas de todas as armas.

Assim, o capitão Diessbach supõe, que uma divisão se encontra em combate e numa pequena elevação do terreno, a 1:500

¹ «Impressions», etc., pag. 25.

² Na Austria as tropas dispõem dum *porta-voz*. Este modo de transmissão diz a «Revue d'Artillerie» (Fev. 1913), não poderá substituir o telefonio, mas prestará serviços reduzindo o numero de agentes na *cadeia de homens*.

³ «Revue Militaire Suisse» — Janeiro, 1908.

metros, uma patrulha de cavalaria vigia um dos flancos. Dêssa elevação vê-se o local do quartel general. A patrulha observa a orla dum grande bosque, que fica a uns 500 metros. Rapidamente, cinco ou seis homens da infantaria inimiga, saiem da direita do bosque e outros da esquerda. Decorrem quatro ou cinco minutos. Aparece uma primeira linha de atiradores, proxima-mente um pelotão e quatro centos ou quinhentos metros mais á direita surge quasi simultaneamente outro pelotão.

Os soldados da patrulha de cavalaria inquietam-se; o chefe da patrulha hesita. ¿Será necessário informar o comando? Resolve esperar. No mesmo instante algumas colunas aparecem em toda a extensão da orla do bosque. Agora o caso é mais sério!

O chefe da patrulha reflete um instante e chama: Soldado n.º . . . , diz ao nosso comandante que *dois batalhões saem ás . . . horas do bosque de . . . e marcham na direcção de . . .* O soldado repete a informação; pede alguns esclarecimentos; une-se ao cavalo e parte. Alto! Alto! grita o chefe da patrulha — *Diz lá que apareceu mais um batalhão; são três batalhões.* De facto, uma segunda linha segue a primeira. Não traduziremos agora a transmissão destas informações, afim de lhe não tirar o vigor, que o capitão Diessbach lhe soube imprimir.

*Le soldat repart de plus belle, franchit de temps à autre un petit fossé; passe une route dont les trauchées feraient des talus de concours hippique, et toujours au galop continue son *cross-country*. Bon! Une barrière! Faut-il la contourner? Non le détour est trop grand. Elle est sautable. Il saute, tape dedans, mais passe tout de même. Il traverse maintenant un grand pré nu. Tout à coup le galop du cheval devient plus lourd. On entend des bruits d'eau au bout des sabots. Le soldat s'apprête à sauter. Trop tard! Le cheval s'abat, se relève, retombe et finalement ne bouge plus. Il est embourbé. Après quelques efforts l'homme réussit à le sortir. Il le traîne par la bride quelques pas en arrière, remonte et s'en va chercher un passage plus heureux. Mais le cheval est fatigué. Le soldat trotte maintenant, et ne reprend sa première allure qu'en apercevant au loin un grand groupe de cavaliers, l'état major de division, sans doute, qu'il rejoint au galop vidé de sa bête hors d'haleine».

Mas, continua o capitão Diessbach, passaram-se dez minutos. O estado maior está nervoso. Não ouve a informação. Já ha dois minutos, que os três batalhões foram vistos pelo estado

maior. E o capitão Diessbach conclue: *Se existissem postos de sinaleiros a transmissão teria sido muito mais rápida.*

Não bastam estes elementos para assegurar a coordenação dos esforços.

Ainda junto dos comandos inferiores, ligados á infantaria, cujo ataque determinadas baterias apoiam e junto ás unidades proximas se torna conveniente a presença de oficiais destacados¹. O comando, absorvido pelos atritos que a cada passo surgem, necessita uma forte energia, fisica e moral, para decidir e informar, dar ordens e procurar as decisões dos seus superiores. Uma vez na *fournaise* ele deve conservar o espirito sereno, despreocupado, sabendo quando o comando contiguo necessita o seu auxilio ou, pela situação em que se encontra, pode apoiar uma acção, que decidirá a vitória. Estas *noticias* tão importantes como as ordens e informações, só lhe podem ser prestadas por alguém, que pertença ao seu comando, por alguém que pense na sua unidade e cuja unica missão seja transmitir as *noticias* do que se vai passando. E' este o unico meio de evitar uma retirada precipitada ou uma ofensiva arriscada e por isso as I. A. L. prescrevem a *troca de agentes de ligação entre as unidades contiguas.*

*

* *

Compreende-se, sente-se bem a imprescindível necessidade do serviço de ligação. Pode-se afirmar, que a instrução cuidada das tropas, a noção nitida da solidariedade das armas, o espirito de iniciativa dos quadros e o amôr das responsabilidades, que os comandos possuirem desvalorisar-se hão, em grande parte, se uma *ligação material* solidamente estabelecida não assegurar a intervenção oportuna de todos os factores.

Porque assim é, nos principais exercitos está estabelecido, que os oficiais devem possuir uma solida instrução, que assegure a ligação intelectual e moral entre todos os comandos e ainda devem conhecer nos seus minimos detalhes os meios de garantir a ligação material entre as diferentes frações, dizendo

¹ O regulamento francês chama a estes oficiais *agentes de ligação* e aos restantes elementos *agentes de transmissão*; preferimos a designação generica das I. A. L.

o coronel Egli — «tout officier doit être capable de comprendre et de transmettre des signaux». As nossas I. A. L. também determinam, que nos meses de novembro e dezembro se realizem duas sessões semanais, destinadas especialmente á instrução dos oficiais e sargentos. E' pouco. E' indispensavel incutir no espirito dos quadros a impreterivel necessidade de organizar e collocar em condições de perfeito funcionamento o serviço dos agentes de ligação, olhando com verdadeiro carinho esta questão. Não nos afastamos duma apreciação justa, applicando ao nosso meio, as palavras com que iniciamos estas considerações — *il y a dans ce domaine une mentalité nouvelle à créer.*

E' necessario que, tanto oficiais como sargentos, conheçam perfeitamente os diferentes processos tecnicos de ligação, mas é mais necessario ainda que no seu espirito esteja profundamente radicada a convicção, de que unicamente uma ligação material permitirá uma cooperação eficas. O exercito inglês tem 32 sinaleiros em cada batalhão. «São 32 armas a menos na linha de fogo, diz o general Langlois, mas representam uma economia de manobras falsas e, por conseguinte, de vidas humanas»¹. Ora não nos parece sufficiente a instrução regimental com uma duzia de sessões anuais, para desenvolver nos quadros uma orientação absolutamente indispensavel.

E' necessario criar unidade de doutrina neste assunto e só se poderá conseguir por uma instrução unica para todos os oficiais, que em seguida nas respectivas unidades difundam os principios a aplicar; é importante estudar e aconselhar métodos de ensino, que facilitem a instrução, não conseguindo, por certo, o prescrito nos I. A. L. tal objectivo.

Iremos mais longe. A instrução dos agentes de ligação deveria ser comum para todas as armas. Não faz sentido existirem instruções especiais para os agentes de ligação da infantaria e, conseguintemente, os oficiais de todas as armas deveriam ter uma instrução comum. Assim se pratica nos exercitos mais progressivos².

¹ L'armée anglaise dans un conflit européen—pag. 17.

² Instruction provisoire du 15 avril 1912 sur la liaison dans les corps de troupe.

Règlement sur les signaleurs de l'armée allemande (Le Spectateur Militaire—1912).

Training Manual Signaling (Revue d'Artillerie—1914).

No exercito francês, além das instruções gerais sobre a ligação, existem instruções especiais respeitantes á infantaria para o serviço telefonico ¹ e telegrafico ². Os telefonistas e telegrafistas recebem conjuntamente a instrução de sinaleiros. Para verificarmos o cuidado, que merece esta instrução, diremos que os oficiais instrutores das unidades e os sargentos auxiliares frequentam nas escolas de tiro de infantaria (La Valbonne e le Ruchard) cursos especiais, frequentando os instrutores dessas escolas um curso de 10 dias no Mont Valérien.

Como já dissémos, é no exercito inglês que o serviço de sinalisação se encontra mais desenvolvido ³. O capitão Roger Vasselin, da artilharia francesa, num artigo recente ⁴ afirma o seguinte: «Les officiers étrangers qui ont vu l'armée anglaise à l'œuvre, soit en campagne, soit aux manœuvres, ont été frappés de la façon dont y est assuré le service des communications. Il y règne un ordre et une entente, qui contrastent singulièrement avec ce qui se voit dans les autres armées. C'est que, en Angleterre, le besoin a crée l'organe: la signalisation et les communications télégraphiques et téléphoniques sont d'une importance capitale aux colonies ainsi que dans la campagne anglaise, coupée de haies difficilement franchissables à cheval et l'on comprend pourquoi l'armée anglaise a particulièrement soigné ses moyens pratiques des communications».

Na Inglaterra existem duas escolas de sinalisação — a *escola de Aldershot* para os quadros do exercito regular e a *escola de Bedford* para os quadros do exercito territorial; os oficiais e sargentos instruidos nestas escolas exercem nas unidades as funções de instrutores e de instrutores adjuntos, *seguindo o método regulamentar, com exclusão de outro qualquer*.

Notando o cuidado que, nos outros exercitos, é dispensado ao serviço de sinalisação, compreendemos a insuficiencia da instrução regimental prescrita nas I. A. L., além de que as prescrições regulamentares não atendem á uniformidade de métodos de ensino e processos de aplicação e não será suficiente

¹ Instruction du 23 Janvier 1913 relative au service téléphonique dans les corps de troupe d'infanterie.

² Instruction du 22 janvier 1913 relative au service de la télégraphie optique dans les corps de troupe d'infanterie.

³ La signalisation dans l'armée anglaise (Revue d'Artillerie - 1914).

⁴ Em 1911 foi creado o *Army signal service*.

prescrevê-los, tornar-se há imprescindível pratica-los em comum.

Têm um caracter provisorio as I. A. L. Sabemos que a Comissão Tecnica de Infantaria as irá revêr em breve, aproveitando os relatorios das diferentes unidades, que as executaram nas escolas de recrutas de 1914 e o parecer da Comissão Tecnica da Artilharia de Campanha, que, por certo, não deixará de corresponder amavelmente ao convite que lhe foi dirigido. Parece-nos, que a instrução dos officiaes e sargentos deve ser modificada.

Mantenha-se o que está, mas crie-se um *Curso especial de agentes de ligação ou de sinaleiros*. Julgamos duma absoluta e urgente necessidade a sua organização.

Este curso, supondo-o só para a arma de infantaria, funcionaria junto da *Escola de Tiro de Infantaria*, tendo a duração de 20 dias e sendo dirigido por um capitão, nomeado anualmente.

Em uma primeira tentativa bastaria que concorresse um subalterno por unidade de infantaria. A despesa seria largamente compensada pelas vantagens, que se obteriam. Os subalternos assim habilitados seriam os instrutores nas respectivas unidades.

Fazendo o calculo para 43 subalternos (35 regimentos de infantaria e 8 grupos de metralhadoras) teremos:

Instruendos :

Transportes	356\$50	
Ajuda de custo durante a marcha e bagageira	90\$80	
Ajuda de custo para 3 officiaes das ilhas, esperando transporte	30\$00	
Ajuda de custo durante o curso ¹	860\$00	1:337\$30

Instrutor :

Transportes (Lisboa-Mafra)	\$78	
Ajuda de custo durante a marcha	2\$40	
Ajuda de custo durante o curso	20\$00	23\$18
Soma		1:360\$48

¹ De 1\$00, como foi estabelecido para a Escola Central de Officiaes. (*O. E. n.º 13-1914*).

Só desta maneira, poderemos abrir largo um caminho, que há pouco começa a ser trilhado. E' pouco, evidentemente. Vantajoso seria um maior desenvolvimento, mas não esquecemos a impossibilidade de grandes despesas.

Trabalhemos com bôa vontade e meditemos nas palavras duma mensagem do Conselho Federal Suíço — *Nous devons relever combien nous sommes en retard pour tout ce qui touche aux procédés de liaison dans l'armée.*

Setembro, 1914.

HENRIQUE PIRES MONTEIRO

Cap. d'inf. com o curso do E. M.



A OCUPAÇÃO DOS DEMBOS

II

Plano de ocupação

O projecto de operações que antecede, que nos parece seguro e que não é muito exigente, é contudo dispendioso e complicado, como complicada é a região. Com certeza o Cazuangongo não merece que lhe liguemos semelhante importancia, pela mesma razão que é um grande erro administrativo esse estabelecimento desde 1907 do actual cordão ou cerco incompleto, contra este rebelde, cordão dispendioso, inútil e vergonhoso, verdadeiro cancro da provincia.

A conquista dos Dembos á viva força, afigura-se ainda hoje, ao official que melhor os conhece, um problema difficil de resolver pela nossa pobreza financeira e escassês de tropas; e por isso, para não estarmos a exhibir um plano estrondoso, evidentemente incompativel com os recursos da provincia, preferimos apresentar apenas este plano relativo ao objectivo principal, não entrando bem no plano da conquista dos Dembos M'Bula Atumba, Quilombo, Dembos do Norte, cujas terras, topografia e estado de preparação para a guerra, mal são conhecidos.

Claro está que ao autôr do presente plano não passa pela cabeça que este seja a ultima palavra da sciencia, e muito folgará que o não aceitem, desde a primeira linha á ultima, se alguem, seguindo outras idéas, se saír bem delas.

Se o aniquillamento do Cazuangongo, que é o rebelde que está mais ás portas dos Dembos, pela forma referida, se tornasse mais facil do que julgamos, poderíamos seguidamente dirigir as operações para SE. Do contrario, devemos deixar-nos de mais espalhafatos nos Dembos, onde a raça, o clima, o terreno e tudo nos é adverso, devendo pouparmos os homens e operarmos só quando tivermos a certeza de que temos na mão todos os naipes necessarios para ganharmos.

Na Europa não é bôa tática, para quem toma a ofensiva, embrenhar-se nos bosques e expôr-se nas clareiras. Aqui, visto tratar-se duma caçada a uma especie de feras, mais inteligente que as proprias feras, parece logico estabelecerem-se laços, como essa linha de postos atraz julgada inutil. E' isso intuitivo, mas a fera não merece tão grande e tão dispendiosa inação de tropas.

Devemos portanto conjugar essa tática apertada com a tática larga que, sem prejudicar aquela, aproveita a mais alguma coisa.

Ocupar de largo porque os pontos mais escuros ou as malhas que possa apresentar a ocupação vão-se desvanecendo por indução, achando-se o Cazuangongo perfeitamente nesse caso, pois êle não é grande potentado, nem pelas armas de que dispõe nem pela vastidão dos seus dominios.

Ele é, repetimo-lo, um dos mais prejudiciais inimigos, mas simultaneamente um dos potentados cujos territorios são presentemente dos mais inuteis.

Colunas de tropas dentro destes bosques poderão triunfar sem sciencia nem intelligencia, pelo acaso ou pelo numero, mas não passam de rebanhos que seriam estúpida e prontamente liquidados, se este gentio, em vez de ser tão cobarde, que só ataca bem escondido e de preferencia ás forças em retirada, fosse valente e numeroso como o gentio de Marracuene, do Cuamato e outro.

Tática larga e sem preocupação de gloriolas, não procurando terçar armas ou dar batalha a quem nos volta as costas, a não ser quando nos surjam pela frente do nosso caminho, é a que devemos adotar.

Para lição e experiencia bastam os desastres de 1872, de 1907 e de 1908.

De resto estamos convencidos de que tendo a Republica expurgado a sociedade portugueza desses daninhos berloques, chamados Torre e Espada, que não eram uma recompensa porque era o acaso que as pendurava ao pescoço, tanto de herois como de qualquer *quidan*, nem tão pouco um estimulo, visto que o heroismo surge, como em Chaves, livre de interesse e sempre que um elevado sentimento põe a nossa maquina em efervecencia, estamos convictos, de que já não aparecerá tão facilmente quem com o sentido em adquirir fama venha aqui se-

pultar mais gente, causar mais lagrimas, mais encargos para a provincia e mais prejuizo para o nosso prestigio.

Esta tactica larga e sem preocupações vaidosas, consiste apenas em nos conduzirmos direitos aos objectivos, norteados apenas pela consciencia de ser preciso cumprir um dever patriotico inadiavel — o de ocupar os Dembos, quanto possivel pacificamente, por ser mais humano, mais economico, mais rapido e igualmente eficás.

*

*

*

Antes da occupação de Caculo Cahenda, tendo ficado o Cazuangongo moralmente fortalecido pelas suas vitórias sobre nós em 1907 e 1908, podiamos ter duvidas sobre a conquista dos Dembos.

Mas hoje, tendo nós aqui nesta capital da futura capitania-mór dos Dembos, uma bandeira seguramente hasteada, a quebrar-lhes o encanto, se podemos duvidar do exito de operações que serão verdadeiro jogo de «Cabra Cega» de europeus com selvagens, podemos confiar absolutamente na relativa facilidade da occupação, por pontos successivos, visto que a força moral de uns, ir-se ha enfraquecendo á medida que forem sendo subjugados os outros.

E' certo que o forte de Maravila nada ocupa e nada tem influido no Cazuangongo, reflectindo-se a sua inutilidade em Caculo Cahenda, mas isso não póde significar que com os outros fortes, não havendo sido previamente batido o gentio, venha a succeder o mesmo.

Este forte de Maravila como instrumento passivo, numa região inimiga e vitoriosa, em terreno acidentadissimo, coberto de matas cerradas; e não havendo por tal ponto transito forçado, nem população, nem movimento, evidentemente este forte é uma obra morta.

O Cazuangongo incomoda-se incomparavelmente menos com o forte, do que o forte se incomoda com o Cazuangongo. Este rebelde ficou com as portas abertas para Norte e é quanto lhe basta.

Mas fechemos nós essas portas com outro forte e façamos uma especie de circuito aos Dembos e veremos que os rebeldes, se os houver depois, não terão para onde fugir.

Diante duma coluna é facil ao gentio mudar de local de estacionamento, e jogar a «Cabra Cega» connosco, mas diante da occupação seria absurdo admitir que êle preferisse a vida silvestre as suas povoações ou que emigrasse, indo levar a insubmissão a outros povos de raça diferente.

Junte-se a isso a acção duma coluna de policia volante, que não poderá ser dispensada tão depressa e é absolutamente indispensavel para ir onde os fortes se não podem deslocar *e teremos os Dembos facilmente occupados e a pagarem quantos impostos fizermos pesar sobre eles.*

Pela forma seguidamente indicada, dispensa-se o governo geral da dificuldade de mobilisar uma enorme coluna, muitissimo difficil de abastecer.

Atendendo á extensão, accidentes e população da região, é absolutamente imprescindivel, pelo menos na actual conjuntura, fixarem-se cinco postos de occupação, tendo como centro o forte de S. Antonio de Caculo Cahenda, indicado, por natureza, para ponto de irradiação e comando geral a saber:

1.º do *Cazuángongo* — em Muando — SO.

2.º do *Amuquiama* — em S. Silvestre — NO.

3.º do *Caculo Cahenda* — em S. Antonio.

4.º dos *Mahungos* (junto ao Dande) — NE.

5.º do *M'Bula Atumba* — SE.

Força para cada:

1 oficial	5
2 sargentos.	10
1 enfermeiro	5
3 cabos	15
1 corneteiro	5
2 artilheiros.	10
23 indigenas.	115
—	—
33	165

Efectivo necessario á occupação, 305.

Reforço provisorio dos postos, destinado a força ou forças volantes, 140.

Esta força é insignificante, tanto mais se a compararmos com o numero de homens que desde 1907, nos Dembos, estão apenas a sobrecarregar o orçamento da provincia.

Quando a coluna de 1907 retirou, a SO e a SE do Cazuangongo, ficaram 307 homens, duas peças e uma metralhadora, sem nada ocuparem.

Segundo o presente projecto, com os mesmos homens guardam-se 5 fortes e as vias de comunicação e constituem-se pequenas forças ou uma coluna volante, ficando assim *toda a região dos Dembos segura com mão de ferro e em condições de ser forçada a pagar desde logo impostos de cubata* e ainda de portagem ou passagem nas canôas, se este imposto lhe fôr também exigido, porque pelas estações de etape ou pequenos postos de comunicação que ficam e se estabelecem para serventia das tropas, ficamos com todas as chaves da região, de modo que o gentio não tendo saída nem livre transito para lado algum, nos fica completamente sujeito.

Alem das actuais estações de etape, encarregadas das canôas, precisamos criar mais as seguintes:

Porto de Sassa — Bastam dois homens na margem esquerda do Lombige, quando forem estabelecidos os fortes do N'Gombe Amuquiama e Muando. Virá a ser um ponto importante de passagem. Deve ficar subordinado a Caculo Cahenda.

Porto de Namboangongo — E' o nome que se dá á estação de etape da margem esquerda do Dande, em que ficarão dois homens encarregados das canôas, no ponto de maior passagem para Norte (Ambriz, Encoge, etc.).

Deve ficar subordinado ao N'Gombe Amuquiama. Oportunamente poderá receber outro nome.

Porto de Quinguengo — Estação a criar pelo forte dos Mahungos tambem nas margens do Dande, onde aproveite as comunicações com Ambuila, Encoge, etc. Pode tambem oportunamente receber outro nome.

Este projecto nada tem de comum com as operações de 1907 e, corroborando este modo de vêr, se amanhã se der o caso inesperado do Cazuangongo se submeter incondicionalmente, informaremos o Quartel General de que nem mesmo perante esse extraordinarissimo fato vemos razão de se modificar este projecto. Sómente o forte de Caculo Cahenda, estabe-

lecido dois anos depois, em 1909, muito mais para o interior do forte João de Almeida e por isso quasi perdido no centro geometrico da região, pode ter concorrido para que os Dembos desde 1872 não possam julgar-se Estado Soberano.

Este forte, apesar da relativa e insufficientemente guarnecido, mas avistando-se de dezenas de leguas á volta e permitindo-nos conhecer muito mais a região, só êle pode têr influido para o concebimento e realisação deste projecto.

* * *

Modificações a fazer na actual ocupação e comunicações:

Caculo Cahenda — Mantê-lo como sede de toda a região dos Dembos e arvora-lo oportunamente em sede do comando geral, como lhe pertence por direito topografico, comercial, de população, de base de operações, salubridade, etc.

Maravila (João d'Almeida) — A suprimir definitivamente. Economia de 30 homens.

No entanto se parecer radical esta proposta, pode aí ficar uma força de sargento a guardar as casas, até o Cazuangongo se tornar capaz de as não destruir, notando que a despesa desta guarda fica incomparavelmente mais cara do que o zinco das mesmas, o qual pode ser aproveitado em Caculo Cahenda.

Em caso nenhum precisamos de conservar essas casas, porque uma força volante procurara por via de regra acantonar numa povoação do itinerario.

Camabela — Este posto é construido de adobes e zinco e, como está num ponto de passagem forçada, convem entrega-lo á guarda de dois soldados.

Economia de 12 homens.

Será aproveitado pelas praças em marcha para Caculo Cahenda, Mahungos, M'Bula Atumba e pela força volante.

Deve continuar subordinado a Caculo Cahenda.

Castendo — Deve ser suprimido definitivamente porque o local é insalubre e despovoado.

Economia de 20 homens.

O facto de aí ser o terminus da navegação do Bengo, se alguma vez as comunicações fluviais nos forem necessarias, po-

deremos então montar aí um pequeno posto provisório, têr aí canôas, etc.

Não compreendemos que justificação tenha este posto de Castendo, que parece ter sido construído para aproveitar as prescindíveis comunicações fluviais, assim como as comunicações fluviais só uma ou outra vez existiram por causa do posto.

Se alguma vez aí fôr estabelecida uma estação de dois homens deve ficar subordinado ao Muando.

Cazal — E' um posto na povoação do mesmo nome.

Depois de estabelecido o forte do N'Gombe Amuquiama deve ser também suprimido, porque qualquer praça ou força em transito não precisa do posto como estação de etape, porque tem a povoação. A não ser assim, precisaríamos dum posto em cada povoação.

Economia de 12 homens.

Quinguengues — Pouco mais é do que uma cubata.

O ponto é importante na passagem do rio, onde devem estar apenas dois homens encarregados das canôas, para serventia das praças em marcha para Quilengues do Golungo, N'Gombe Amuquiama, Muando e Cazuangongo.

Economia de 10 homens.

Deve ficar subordinado ao Muando.

Mandéle — O estabelecimento dum forte no Muando dispensa inteiramente este posto, o qual garante a povoação de Mandéle e não Porto Mandele como indeferentemente lhe chamam. Sómente é preciso estabelecer uma cubata na margem esquerda do rio (Porto de Mandele), para dois soldados encarregados das canôas.

Deve ficar subordinado ao Muando.

Economia de 10 homens.

Quilemba — Também pouco mais é do que uma cubata da povoação do mesmo nome, que não precisa de guarnição. Deve pois ser suprimido inteiramente quando fôr estabelecido o forte do Muando.

Economia de 12 homens.

Mucumbi — Ponto de passagem para o forte «João d'Almeida». Mesmo que este forte seja suprimido algum gentio por aí precisará de passar, quando o Cazuangongo consentir. Deve portanto manter-se esta estação de etape, para serviço do gentio e, em primeiro lugar, das forças que vão ou veem do Muando.

Deve ficar subordinado a este posto.

Deve reduzir-se a guarnição actual.

Cala.—Presentemente não tem valor algum e depois de estabelecido o forte do Muando deve ser suprimido inteiramente.

Economia de 8 homens.

Luango.—Estação de etape nas margens do Zenza, onde estão dois soldados encarregados das canôas. É o posto de maior transito dos Dembos.

Deve continuar subordinado a Calculo Cahenda.

Calomba.—Estação de dois soldados, na margem esquerda do Lombige.

Vem a ser muito necessario ao forte do M'Bula Atumba. Deve continuar subordinado a Caculo Cahenda.

Recapitulação

Postos *a suprimir* immediatamente ao funcionamento dos cinco fortes e forças volantes:

João d'Almeida.	30	Economia media 118 homens.
Castendo.	20	
Camabela	12	
Casal.	12	
Quinguengues.	10	
Mandele	10	
Cala	8	
Quilemba	12	
Mucumbi	4	

Postos de occupação difinitiva:

Muando	33	Reforço	50
S. Silvestre do Amuquiama. . .	33	"	20
S. Antonio de Caculo Cahenda	33	"	—
Mahungos.	33	"	40
M'Bula Atumba.	33	"	30
	165		140

Coluna volante

Estação de etapes (chaves da região):

Estação de Quinguengues (Zenza)	2	Estes homens sahirão da guarnição do respéti- vo forte.
" " Porto de Mandele (Zenza)	2	
" " Mucumbi (Zenza).	2	
" " Porto de Naboangongo (Dande)	2	
" " " " Sassa (Lombige).	2	
" " Calomba (Lombige).	2	
" " Camabela	2	
" " Luango (Zenza).	2	
Porto de Quinguengo (Dande)	2	

Abatendo 118 dos postos acima suprimidos e 50 homens atualmente no Lombige (total 168) ha apenas um acrescimo de 155 homens isto é, *com a força atual nada se domina, ao passo que com outra força igual, ocuparêmos, dominarêmos, cobrarêmos impostos e rehaverêmos todas as despesas feitas.*

A força volante ha de ser indispensavel por muito tempo, visto o gentio estar cheio de armas e de polvora, armamento este que a todo o tempo lhe podemos apreender e reduzir, sempre que haja pretexto aceitavel, visto que ficamos, quasi que com o exclusivo da passagem dos rios e dos caminhos estrategicos.

Merece pois os sacrificios.

Este projeto, repetimos, não tem a pretensão de ser infalivel ou uma coisa rigida. No entanto, se outro mais conhecedor da região o não apresentar melhor ou se formos a modificar tudo logo que surja o mais pequeno incidente, aqui não expressamente previsto, então as occupações continuarão a ser feitas ao acaso.

Contra todas as opiniões até hoje publicadas acerca da forma de conquistar os Dembos, *é o meu projeto o unico em que o sistema das expedições e colunas de operações é absolutamente condenado.*

Mal tinha escrito o presente projeto quando tive o prazer de ver na "Revista Militar" de 1912 um artigo em que o illustre general Moraes Sarmento expõe que o general Gallieni, heroi de Madagascar, assim como atualmente o general Lyantey,

heroi de Marrocos, preconizam o metodo de occupação progressiva como o melhor para realizar a conquista dos paizes refratarios á civilisação.

Execução da occupação

Atendendo a que a região dos Dembos exige uns cuidados especiais, devido ao acidentadissimo terreno e que as colunas de 1872 e de 1907, operando apenas á entrada dos Dembos, lutaram com imensas difficuldades de abastecimento; com muito maior difficuldades lutará uma columna, internando-se por pontos por onde aquellas colunas estiveram longe de se perder.

Estas difficuldades privativas dos Dembos, avaliou-as bem quem occupou Caculo Cahenda; por isso, com a autoridade desta experiencia as frizamos pois não se compáram com as da Lunda, Benguela ou Huilla, onde os terrenos são geralmente planos, chegando os carros boers aos mais longinquos pontos, insistindo com tanto mais razão, quanto não será difficil a qualquer official, com maior ou menor competencia técnica ou intellectual, imaginar sobre a carta planos simplesmente teóricos.

Todo o movimento de tropas, especialmente se nellas entrar a cavalaria, numa região invia e sem telegrafo, cortada de linhas de agua (torrentes no tempo de chuva), longe dos centros de abastecimento e difficil para nela recrutar carregadores, não deverá ser mandada realizar por qualquer simples decisão contraria ao exposto.

Isso poderia fazer insistir n'um erro aos comandantes de colunas andando sempre para diante, com a urgencia de se livrarem de massadas ou de colherem os *hossanas* das conquistas, abandonando para a retaguarda as guarnições dos postos, que ficariam, desde logo, entregues ás mais duras provações.

Operações ou occupações em que os postos militares ficam, desde logo, a atestar a nossa fraqueza perante o gentio, fazem-se quantas se pensarem. Se porem quizermos que as dos Dembos se tornem efficazes, é preciso executal-as sistematicamente, com ou sem intervalos, segundo os recursos de homens e de dinheiro.

A primeira medida da execução da occupação deve ser a

proibição da venda de armas e pólvora, embora isso não passe dum paliativo, visto que o gentio não possui verdadeiros arsenaes de armas e paiois de pólvora porque não quer, de modo que até certo ponto por causa desses estrangeiros nomeadamente alemães, que para cá exportam carregamentos de espingardas é que nós não temos feito a ocupação de que eles proprios nos accusam.

O primeiro dos quatro fortes a estabelecer deverá ser o de S. Silvestre do N' Gombe Amuquiama, por ser o que oferece maiores facilidades e ser de grande efeito.

Base de operações-Posto do Casal.

Apoio ou força de protecção-100 homens (a mais da guarnição).

Guarnição	33	homens	} Total . . . 153
Reforço provisorio	20	"	
Apoio	100	"	

O segundo deverá ser o dos Mahungos, a dia e meio ou dois dias a N. O. de S. Antonio de Caculo Cahenda, por ser o que se segue em probabilidades de se fazer sem operações, sendo contudo o seu estabelecimento muito mais difficiloso que o primeiro,

Base de operações-Caculo Cahenda ou N' Gombe Amuquiama.

Apoio ou força de protecção-200 homens.

Guarnição	33	homens	} Total . . . 273
Reforço	40	"	
Apoio	200	"	

Situação, onde os officiaes da occupação entenderem, depois de previa observação, parecendo que ficará vantajosamente situado nas terras do Dembo Cambeje, Congola, junto ao rio Dande.

Este dembo conformar-se-ha, podendo neste caso denominar-se Forte de Cambeje, ou de qualquer nome mais extensivo ou apropriado.

Se o governo entendesse, poderia este forte ser estabelecido, ato continuo ao de N' Gombe Amuquiama, seguindo as

tropas por Quibaxe, Caculo, Congola e Mahungos, na direção de Encoge.

No caso deste segundo forte se estabelecer ato continuo ao primeiro, bastará juntar mais cem homens á força de proteção do forte do N' Gombe Amuquiama, sahindo a guarnição em qualquer dos casos dos 200 homens precisos para ocupar os Mahungos sem receio de qualquer reviravolta.

O forte dos Mahungos deve ficar abastecido para estação das chuvas, notando que certos generos se deterioram facilmente mas que alguns deles podem, sem prejuizo, ser mandados consumir imediatamente por toda a guarnição.

Este forte convem subordinar-o ao comando em Caculo Cahenda.

O *terceiro*, de S. Antonio de Caculo Cahenda, forte central, será a sede da capitania ou comando militar dos Dembos.

É preciso não confundir Caculo Cahenda, que é uma região, que se estende quasi desde os rios Lombige ao Dande, com S. Antonio de Caculo Cahenda, que é somente a banza ou povoação capital, que deu o nome official ao forte.

Guarnição 33 homens.

Reforço—Não precisa, por ficar no centro e porque em caso de necessidade o capitão-mór ou comandante determinará qual o forte ou fortes que lh'o dispensarão.

Caculo Cahenda precisara então sómente de mais graduados do que os outros fortes.

O *quarto*, o de M' Bula Atumba, a um dia a S. E. de S. Antonio de Caculo Cahenda.

Se aqui o estabelecermos em primeiro lugar, provocamos com certeza operações, que complicam a situação ou dificultam o estabelecimento dos fortes do M' Gômbé Amuquiama e dos Mohungos.

Base de operações Caculo Cahenda.

Apoio ou força de proteção—237 homens dos quaes sahirá a guarnição do forte.

Guarnição	33	homens	} Total . . . 300
Reforço	30	"	
Apoio	237	"	

A posição do forte precisa de ser escolhida, parecendo vantajoso collocar-o, quanto possível, junto dos pontos de passagem para Sange (Golungo Alto), afim de influir também nos dembos de S. E., Quilombo, N' Gombe Anambo, Mussuco e outros, entre eles o soba N' Gonguembo, da antiga 7.^a divisão do Golungo Alto, o qual gosta de se intitular dembo.

O forte também tanto importa denominar-se do M' Bula Atumba como do Alto Lombige.

O quinto, o de Muando, talvez se estabeleça finalmente sem darmos um tiro e ha de determinar infalivelmente a apresentação Cazuangongo.

Se a não determinar, fenómeno em que nem deveríamos pensar, o remedio seria darmos-lhes tempo para aparecer morto, sem que todavia a sua existencia também fizesse o menor dano aos *nossos fins em vista* :— *Cobrança dos impostos*.

Base de operações-Calunga.

Apoio ou força de protecção 209 indigenas e 100 europeus, força esta que pode fazer face a todas as eventualidades.

Os europeus serão aqui facilmente abastecidos.

Guarnição	33 homens	} Total . . . 300
Reforço	50 "	
Apoio	217 "	

O forte poderá denominar-se de Cazuangongo, visto ter por especial missão policiar as suas terras.

A exposição do estabelecimento destes fortes suscita naturalmente a ideia de que será preferivel fazer esta occupação por uma vez, vindo a coluna pelo N' Gombe Amuquiana, Mahungos, M' Bula Atumba e caindo finalmente sobre o Cazuangongo, não para jogar a «cabra cega» com ele, mas somente para estabelecer um forte no Muanbo em substituição do de Maravila (João d'Almeida).

O presente projecto não vae contra isso, somente o julga muito mais dispendioso e complicado, occupando-se tudo por uma vez. O serviço de abastecimento d'uma grande coluna, feito por carregadores, em efectivo aproximado ao dos combatentes, complica-se a si mesmo, ainda que esta marcha circulatoria possa agora ter Caculo Cahenda como base, (viveres, material e auxiliares).

Sendo a ocupação feita sem intervalo algum de tempo, por uma coluna de 300 homens, aumentada da guarnição de cada forte, esta coluna é melhor vir como ficou dito, pelos N' Gombe Amuquiama, Mahungos e M' Bula Atumba, chegando por ultimo ao Muando.

Tambem pode dirigir-se a Caculo Cahenda e d'aí irradiar para diferentes lados, mas tudo isto são hipoteses em que não ha a maior economia de gente, de tempo ou de dinheiro.

Cada forte deve ser construido segundo as carateristicas do de Caculo Cahenda (um quadrado com trinta metros de face, dois tambores sendo porem os fossos substituidos por maior numero de obstaculos com fio de ferro).

Serão estabelecidos quanto possivel junto de uma banza importante, em pontos de passagem forçada das comitivas, porque só assim ficaremos senhores da região que ocupamos.

Devemos sacrificar toda a razão geométrica á dupla conveniencia administrativa, para nós e para o gentio, de nos estabelecermos num ponto dominante, á volta do qual haja o maior numero de zanzalas, assim como devemos sacrificar a estética á higiene.

Vamos a indicar genericamente o que é preciso para o forte do N'Gombe Amuquiama. As indicações deste, têm applicação aos outros.

Cada forte, ficará por último, com a guarnição destinada a constituir forças volantes, que percorrerão os diferentes sobados ou povoações, as vezes que fôr necessario, podendo tambem reunirem-se esses pequenos reforços, para constituirem uma força maior, se muito extraordinariamente fôr precisa, para cair em pêso sobre determinado ponto, para o que providenciará o futuro capitão-mór, ou comandante militar dos Dembos.

Recapitulação das forças necessarias:

1.º N'Gombe Amuquiama	33—Reforço	20—Apoio	100—Soma	153
2.º Mahungos	33— "	40— "	200— "	273
3.º Caculo Cahenda	33— "	— — "	— — "	33
4.º M'Bula Atumba	33— "	30— "	237— "	300
5.º Muando.	33— "	50— "	217— "	300
Guarnição	165	140	—	—

Serviços administrativos:

- 1 oficial em Calunga.
- 1 oficial adjunto á colúna
- 1 sargento no Cazal
- 1 " em Senze do Itombe.)
- 1 " " Calunga.) excepto relativamente ao
- 1 " " Camabela.) forte de N'Gombe
- 1 " " Caculo Cahenda.)
- 1 cabo em Calunga.
- 150 auxiliares para cada colúna.

Serviço de saúde:

- 1 medico junto á colúna
- 1 enfermeiro para cada forte.

Exige este sistema de ocupação uma colúna média de duzentos cinquenta e seis homens, de cujo exito estamos absolutamente convictos, ao passo que do contrario exige seguramente oitocentos combatentes. Oitocentos! e duvidamos do resultado das operações.

Logo que se estabelecer o primeiro forte, do N'Gombe Amuquiama, reconheceremos a inquietação e o aperto em que fica o Cazuangongo e quiçá se apresentará.

Se esse facto succedesse não era por milagre do forte «João d'Almeida», mas sim, em consequencia deste projecto.

Em tal caso, as forças de ocupação poderiam ser reduzidas a pouco mais da guarnição e do reforço, reforço este, que deve ser dispensado logo que o gentio mostre conformar-se com o pagamento dos impostos.

I.º forte (N'Gombe)

Entendemos que devemos iniciar por aqui a ocupação pelo seguinte:

a) Porque é o gentio do N'Gombe Amuquiama, o unico que, sem fugir, pode vêr aproximar uma colúna, visto imaginar que ela se dirige como em 1907 contra o Cazuangongo. Desta forma o gentio é apanhado desprevenido, afim de não poder opôr-se.

b) Porque sendo o N'Gombe Amuquiama um dos princi-

pais potentados e um dos grandes réus da revolta de 1872, a ocupação da sua banza produzirá grande efeito moral no Cazuangongo, deixando este moribundo, visto que a ocupação do Caculo Cahenda o deixou evidentemente ferido. Grande efeito moral produzirá sobre o Quibaxe, Pango Aluquem e todos os outros.

c) Porque fecha desde já a serventia que a gente do Cazuangongo tem para o Norte, deixando essa gente cercada, embora com uma rede de ralos. Se o Cazuangongo em 1872 fugiu para N'Gombe Amuquiama, depois do forte aqui, jámais poderá pensar em tornar a fazel-o.

d) Porque dos quatro fortes a estabelecer é este o que oferece maiores facilidades. O gentio não terá tempo de resistir e a ocupação pode fazer-se em pouco mais de meia duzia de dias, partindo a força de Loanda e seguindo de Cabiri ao Casal até ao N'Gombe Amuquiama.

O abastecimento é o mais facil de todos.

Época :

De 15 de maio por diante. Não se deve perder tempo, se nesse ano quizermos ocupar mais alguma coisa, porque em outubro, como é sabido, já chove.

Guarnição do forte :

1 oficial.	}	33	}	53
2 sargentos.				
1 enfermeiro				
3 cabos.				
1 corneteiro				
2 artilheiros	}	20	}	
23 indigenas.				
Reforço				

Abastecimento :

Base de etapes, o posto do Casal, que não pode ser suprimido enquanto não estiver concluida a ocupação dos Dembos.

Na região ha feijão, milho e animais domesticos. O comandante angariará a alimentação dos soldados indigenas, permutando com gentio, sal, peixe e especialmente fazendas, visto não ser provavel que lhe dispensem o fundo permanente de 2.000.

escudos, que precisaria de andar constantemente a trocar por cobre.

Emquanto aí se não estabelecer uma casa comercial, gastará a crédito, da que mais lhe convier, de Loanda (arrematação), de Cabiri ou do Alto Dande, sendo os transportes feitos por um destacamento de auxiliares, enquanto o angariamento dos carregadores regionais não fôr certo.

A viagem é apenas de três dias de caminho regular, desde Cabiri.

Não podemos estar a indicar os generos necessarios, por ser dispensavel este pormenor, tanto mais porque isso depende do efectivo da contribuição, do encarregado do abastecimento e do comandante, havendo officiaes sobrios, como devem sê-lo, e outros que o não são.

E' preciso não esquecer a alimentação dos auxiliares.

Materiais :

Tambem não podemos fixar a quantidade de cada especie. Indicaremos, comtudo, alguns, absolutamente urgentes e outros que hão de vir a ser precisos.

Material de guerra :

1 Bandeira nacional, de 2 panos; 21 Cartuchos para salva; 48 Cartuchos de 400 g.^{ras} de polvora; 1 Peça de montanha; 12 Granadas ordinarias; 12 Granadas com bala; 24 Lanternetas; Cofres, espoletas, escorvas, etc.

Armamento; Equipamento; Fardamento, 53.

Cantina para officiaes; Pannelas para sargentos e europeus; Caldeiros para rancho dos indigenas; Sacos para agua; Panos de tenda ou lençois impermeaveis; 50 Cartuchos a transportar cada praça; 200 Cartuchos de reserva por praça, etc.

Material de bivaque e de construção :

Alicate, 1; Arame farpado, 20 rôlos; Badames, 2, Cadiados, 6; Catanas grandes, 40; Chave de parafusos, 1; Colheres de pedreiro, 4; Compasso, 1; Corda de traçar, 200 metros; Corda de $\frac{1}{2}$ polegada, 100 metros; Corda de polegada, 50 metros; Corta arame, 1; Dobradiças para porta, 20 pares; Dobradiças para janelas, 20 pares; Enxadas, 12; Enxós, 2; Fechaduras, 12; Fita métrica, 1; Folhas de zinco, 200; Formões sortidos, 6; Gar-

lopas, 2; Junteiras, 1; Lanternas de acetilene, 4; Machados, 12; Limas para serra, 2; Mesas articuladas, 2; Martelos, 2; Martelos de pedreiro, 2; Nivel, 1; Pás, 20; Fechos de ferro, 12; Picaretas, 10; Plainas, 1; Pregos (barrotes), 30 quilos; Pregos (cavilhas), 20 quilos; Pregos (ripas), 60 quilos, Pregos (zinco), 10 quilos; Prumo, 1; Pua, 1; Serras, 4; Serrão, 1; Serrote, 1; Serrote de ponta, 1; Tesoura para zinco, 1; etc.

Diversos :

Balanças portateis de suspensão, 3, Barometro-altimetrico, 1; Bussola-alidade, 1; Camas de viagem; Candieiros para sargentos; Carta da provincia, 1; Carta topografica da região, 1; Chaminés para candieiros; Cobertores; Conta-passos, 1; Dicionario Critografico (cifrante); Expediente para escrituração e desenho; Lampiões de comunicação, 6; Mobilia regulamentar; Papel vegetal; Petroleo; Tipoias, 3; Utensilios regulamentares; Velas; etc.

Ambulancia :

Agulhas para injeções ipodermicas; Argalias sortidas; Balanças; Carteira cirurgica; Empolas; Formulario Chernoviz; Guia medico do colono; Irrigador completo; etc.

E mais os medicamentos determinados pela P. n.º 1:009-1:911, para uma ambulancia, devendo no acondicionamento atender-se, a que alguns objectos mencionados e outros, que podem ser urgentes, no caso duma biliosa ou ferimento, devem vir em caixotes fechados com dobradiças e cadiados, colando-se no interior da tampa a relação dos medicamentos incluídos, cuidado este, que ainda ha pouco tempo, era completamente desconhecido, de modo que, onde os combates e as doenças são o assunto do dia, desde Paulo Dias de Novais, para o medico ou o enfermeiro encontrar as hostias de quinino, ou as lenticolas desinfectantes, era preciso perder um tempo precioso a arrombar enormes caixotes, dificeis de acompanharem uma força, quebrar frascos e expôr á chuva medicamentos deterioraveis.

DAVID J. G. MAGNO

Tent. de inf.^a

SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS EM CAMPANHA

O reabastecimento por meio de automoveis

As «Instruções para o Serviço de Subsistencias do Regulamento de Campanha» (2.^a parte), quando da sua publicação em 1908, foram dum valioso auxilio para a instrução dos nossos officiaes do serviço de administração militar, porém, atualmente, necessitam de ser mais adequadas ao nosso país e ao nosso exercito, e bem assim de que lhes sejam preenchidas varias lacunas que dia a dia se vão tornando mais notadas.

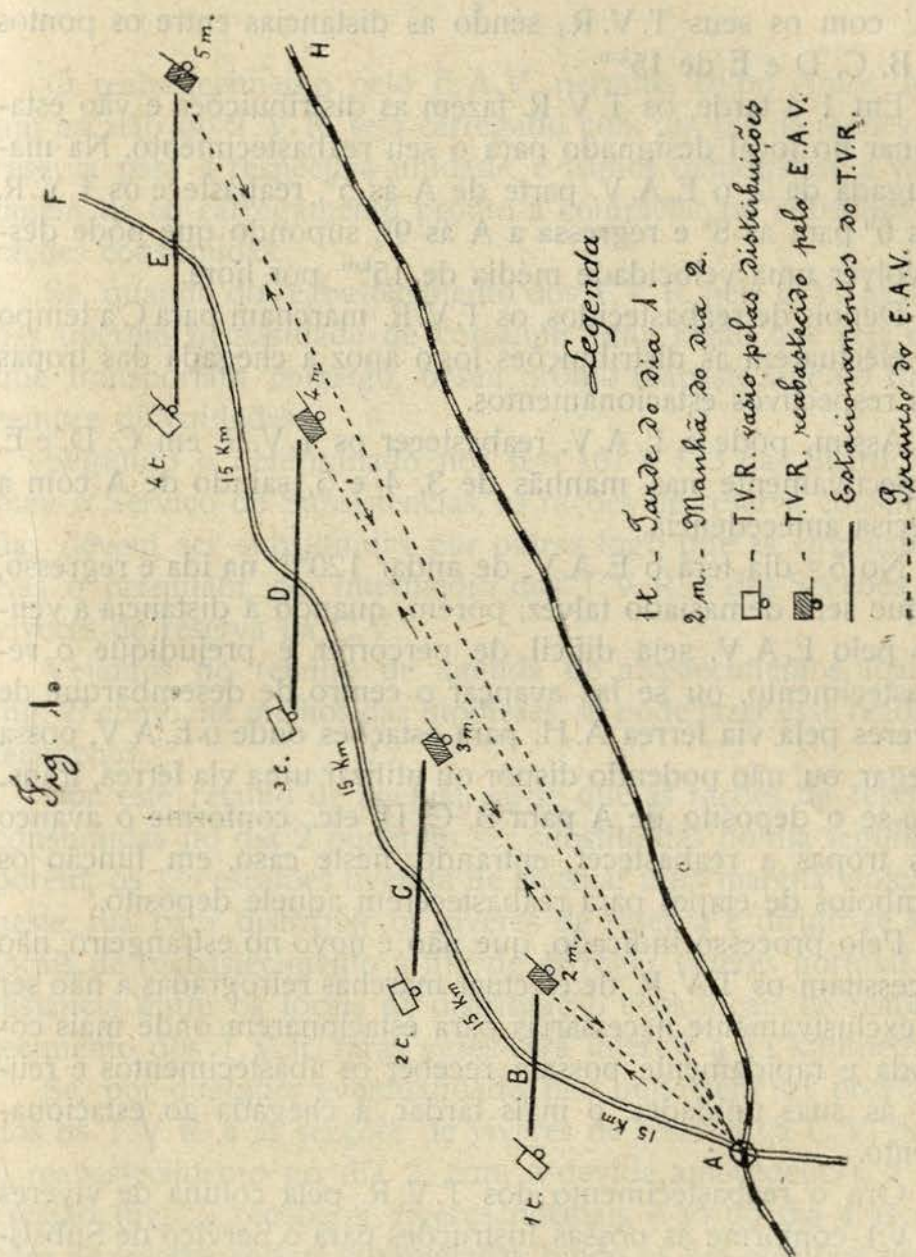
No numero desta *Revista* de julho ultimo, quizemos demonstrar a conveniencia de modificar a ração normal de viveres indicada na tabela 8 das referidas Instruções; hoje procuramos dizer alguma coisa sobre a forma de reabastecer as tropas em operações, utilizando viaturas automoveis.

O emprego dos automoveis no reabastecimento das tropas, principalmente em viveres e forragens, ha-de ser duma vantagem consideravel, não só porque, pela sua velocidade de marcha, podem transportar os abastecimentos a grandes distancias, mas tambem porque, agrupados em formações, substituem as colunas de viveres com os rebanhos de abastecimento e os parques de reabastecimento de viveres, dos quais faz parte um numero avultado de pessoal, animal e viaturas, suscetivel de pejar as estradas á rétaguarda das tropas.

Estamos convencidos de que, empregando automoveis no reabastecimento das tropas, necessitamos apenas de um escalão dos T. V. R. (trens de viveres regimentais) para distribuir os generos ás companhias, esquadrões, baterias, etc., podendo por isso dispôr-se doutro escalão do T. V. R. para transportar um dia de viveres de reserva.

Escritores militares contemporaneos teem pugnado porque as tropas transportem consigo o maior numero possivel de ra-

ções de reserva, em virtude dos contratempos que podem prejudicar o reabastecimento; todavia não esquecem como nós, que



se deve aliviar o mais possível o peso a transportar pelo soldado.

*

Na figura 1, tentamos indicar o modo de reabastecer diariamente o mesmo escalão do T.V.R. por uma formação de viatu-

ras automoveis a que poderemos chamar escalão automovel de viveres (E. A. V.).

As tropas marcham em 1 de A para B, em 2 de B para C, etc., com os seus T. V. R., sendo as distancias entre os pontos A, B, C, D e E de 15^{km}.

Em 1 á tarde, os T. V. R. fazem as distribuições e vão estacionar no local designado para o seu reabastecimento. Na madrugada de 2, o E. A. V. parte de A ás 5^h, reabastece os T. V. R. das 6^h para as 8^h e regressa a A ás 9^h, supondo que póde desenvolver uma velocidade média de 15^{km}. por hora.

Depois de reabastecidos, os T. V. R. marcham para C a tempo de efectuarem as distribuições logo apoz a chegada das tropas aos respectivos estacionamentos.

Assim, póde o E. A. V. reabastecer os T. V. R. em C, D, e E, respectivamente nas manhãs de 3, 4 e 5, saindo de A com a precisa antecedencia.

No 5.^o dia terá o E. A. V. de andar 120^{km}. na ida e regresso, o que será demasiado talvez, porém, quando a distancia a vencer pelo E. A. V. seja difficil de percorrer e prejudique o reabastecimento, ou se faz avançar o centro de desembarque de viveres pela via ferrea A. H. para estações onde o E. A. V. possa chegar, ou, não podendo dispôr ou utilizar uma via ferrea, transfere-se o deposito de A para B, C, D, etc., conforme o avanço das tropas a reabastecer, entrando, neste caso, em função os comboios de etapes para reabastecerem aquele deposito.

Pelo processo indicado, que não é novo no estrangeiro, não necessitam os T. V. R. de efectuar marchas retrogradas a não ser as exclusivamente necessarias para estacionarem onde mais comoda e rapidamente possam receber os abastecimentos e reunir ás suas unidades, o mais tardar, á chegada ao estacionamento.

Ora o reabastecimento dos T. V. R. pela coluna de viveres (C. V.), conforme as nossas Instruções para o Serviço de Subsistencias, exige, áqueles, dois escalões, sendo um para fazer as distribuições, enquanto o outro se reabastece pelas secções da C. V.

Na escola de repetição do destacamento mixto da 1.^a Divisão, no ano findo, na qual tomámos parte, como os recursos locais deram o sufficiente junto dos estacionamentos, e podia utilizar-se uma via ferrea bastante proxima, alimentaram-se as

tropas empregando um unico escalão do T.V.R., o qual distribuia de tarde e reabastecia-se na manhã seguinte.

*

O reabastecimento pelo E.A.V. permite, como vimos, que um escalão do T.V.R. seja carregado com um dia de rações de reserva para a respectiva unidade, e vamos demonstrar a vantagem de tal carregamento pronto a completar ou substituir as rações consumidas.

Se, quando do reabastecimento dos T.V.R. pela C.V., as tropas tiverem necessidade de consumir uma ração que seja das que transportam consigo, o seu pronto reabastecimento trará sempre dificuldades.

Segundo o determinado nos n.ºs 161 e 123 das Instruções para o Serviço de Subsistencias, as rações de reserva consumidas devem ser substituidas por outras logo que as circunstancias o permitam, por intermedio dos T.V.R. e das Secções de viveres de reserva da C.V.

Vejamos no retalho de agenda de abastecimentos abaixo (fig. 2) como, na melhor das hipóteses, se pode fazer esse reabastecimento.

Por este retalho de agenda, vê-se que as rações de reserva consumidas no dia 2 puderam ser substituidas no dia seguinte, porém, os 1.ºs escalões tiveram de efectuar uma marcha violenta neste dia para distribuir os viveres de reserva e dirigir-se aos locais de reabastecimento a fim de carregar viveres normais. A distancia entre os locais de distribuição e os locais de reabastecimento dos T.V.R. raras vezes será inferior a 15 kilometros.

Se, por qualquer eventualidade, não pudessem ser prevenidos os T.V.R. e as secções de viveres de reserva da C.V. para o reabastecimento no dia 2, com a devida antecedência, o 1.º escalão (fig. 2) receberia viveres normais e só no dia 4 as rações de reserva seriam completadas, tendo os 2.ºs escalões, neste dia, de se reabastecer pelas S.V.R. da C.V. e alcançar as tropas para fazer as distribuições, e os 1.ºs escalões, no dia seguinte, de se reabastecer pelas S.V.N. da C.V. e distribuir tambem.

Se assim não se proceder, falha a distribuição de viveres normais num ou noutro dia, o que é prejudicial e mais complica o serviço de alimentação.

Com o reabastecimento pelo E.A.V., uns escalões do T.V.R. (de distribuição) descansavam no dia 2 (fig. 2), e os outros (de

(Figura 2)

Dias	Alimenta- ção	TVR	
		1. ^{os} escalões	2. ^{os} escalões
1	Viveres normais	→ para... onde faz as dis- tribuições e vai estacionar em... □	□ → para... onde se reabaste- ce pelas S.V.R. da C.V. e vai es- tacionar em... □
2	Viveres de reserva	□ → para... onde se rea- basteece pelas S.V.R. da C.V. e vai estacionar em... □	□ → para... onde estacio- na □
3	Viveres normais	□ → para... onde faz as dis- tribuições □ → para... onde se reabastece pela C.V. □	□ → para... onde faz as dis- tribuições e vai estacionar em... □
4	Viveres normais	□ → para... onde faz as dis- tribuições e vai estacionar em... □	□ → para... onde se rea- basteece pela C.V. e vai es- tacionar em... □

Legenda.

□ - Carregado com viveres normais. □ - Sem com viveres de reserva.
□ - Vazio.

reserva) na tarde desse dia, ou no dia seguinte, fariam as distribuições das necessárias rações de reserva, reabastecendo-se pelo E.A.V. que no mesmo dia transportaria viveres de reserva em virtude dos escalões de distribuição estarem reabastecidos de viveres normais.

Quanto ao reabastecimento em carne fresca ou salgada, o processo é identico ao já apontado para os outros viveres, sendo os carros da carne (C.C.), que devem fazer parte dos escalões

de distribuição dos T.V.R., reabastecidos pelo E.A.V., que, para isso, será dotado com viaturas próprias ou apropriadas.

O reabastecimento pelo E.A.V. não só evita o complicado jogo dos escalões dos T.V.R. com as secções de viveres normais ou de viveres de reserva da C.V., mas ainda dispensa as ordens de marcha e de serviço a transmitir diariamente, pelo chefe dos serviços administrativos á C.V., ao rebanho de abastecimento (R.A.) e á padaria de campanha quando adstrita á divisão.

O E.A.V. aguarda carregado em A (fig. 1), considerado como centro de desembarque de viveres, um telegrama do comando da Divisão com indicação do local e hora do reabastecimento dos T.V.R. Reabastecidos os T.V.R., o E.A.V. recebe do mesmo comando a indicação do local escolhido para centro de desembarque de viveres, e para ali se dirige imediatamente a fim de carregar.

E' claro que as viaturas respectivas do E.A.V. podem ser dirigidas a centros de matança, ou de fabrico de pão, em lugar de irem aos centros de desembarque, conforme a conveniencia do serviço.

Os centros e depositos reabastecedores devem ser prevenidos com a precisa antecedencia para que não demore o carregamento do E.A.V.

A dotação de cada Divisão do exercito com um E.A.V., constituido mesmo com viaturas automoveis de requisição, indica a conveniencia de afastar as padarias de campanha e os rebanhos de abastecimento, e de que fiquem adstritos ao serviço de etapes fabricando pão e abatendo gado, respectivamente, para carregar os E.A.V. Desaparece então a C.V. com as suas 140 viaturas e 952 solipedes. Que alívio!

Um E.A.V. póde compôr-se de duas secções organisadas conforme o numero de viaturas e a natureza da carga. Quando reunido ao E.A.M. (escalão automovel de munições) póde constituir a colúna automovel de reabastecimento divisionaria, ou

do grupo de divisões quando agrupe dois E. A. V. e dois E. A. M. sob o mesmo comando.

Cada E. A. V. deve compreender um numero de viaturas de carga variavel conforme a capacidade das mesmas, um auto-onibus para o pessoal, e uma viatura-oficina de reparação onde podem ser transportados a cantina e utensilios de cosinha.

O comandante do E. A. V. deverá utilizar para si, e para os officiais sob as suas ordens, um automovel ligeiro de turismo.

Com camions «Federal» dos que possui a Manutenção Militar, cuja capacidade de carga é de 1.800 kg., bastavam para cada E. A. V. umas 25 viaturas, o que é muito pouca impedimenta em relação á da C. V.

O transporte da carne exige certos cuidados, portanto, na falta de viaturas especiais haverá necessidade de adaptar auto-onibus ou outros automoveis para que a carne seja conduzida nas melhores condições.

Nos camions-automoveis a carne deve ser suspensa de ganchos presos a travessas assentes sobre os taipais, ou acamada, mas isolados os pedaços de carne sobrepostos, por meio de palha ou herva fresca.

O pão, em virtude de ocupar muito espaço, deve ser carregado com outros generos de forma a aproveitar o mais possivel as viaturas.

*

O comandante dum E. A. V. deve verificar se a carga é convenientemente repartida sobre cada viatura, e que não exceda a sua capacidade de transporte. Com a possivel antecedencia faz reconhecer as estradas e pontos susceptiveis de ser utilizados pelo seu escalão, e deve assegurar o abastecimento do mesmo em combustivel, oleos, etc., dirigindo os pedidos ao deposito organizado na sua base de reabastecimento.

Ao comandante do E. A. V. deve ser aplicado o disposto na alinea *d)* do n.º 124 do Regulamento de Etapes sobre a preparação dos transportes. Com as guias de transporte deve organizar o seu livro de entradas, com os vales (m/xvi das I. S. S.) entregues pelos provisores, comporá o seu registo de saídas.

*

Para terminar diremos que alguma coisa se pode fazer já no nosso país com automoveis de requisição. O «Regulamento para o serviço de requisições» de 1913 classifica os automoveis a inscrever nos seus cadernos m/13 em:

Automoveis para transportar até 6 pessoas;

Automoveis para transportar mais de 6 pessoas;

Automoveis para transportar até 2:000 kg.;

Automoveis para transportar de 2:000 a 3:000 kg.;

Automoveis para transportar de 3:000 a 4:000 kg.;

Automoveis para transportar mais de 4:000 kg.

Actualmente devem os indicados cadernos existentes nas repartições de recenseamento de animais e veículos acusar a existencia de um numero regular de camions automoveis e uma quantidade consideravel de automoveis para transporte de pessoas, dos quais muitos poderão ser adequados ao transporte de abastecimentos para o exercito em operações.

RIBEIRO DA COSTA

Tenente do serviço de administração militar



Obras oferecidas

- 1 **Almanaque do Exercito** ou *Lista Geral de Antiquidades dos Officiaes do Exercito Metropolitano e Empregados Civis*, publicado por ordem do Ministerio da Guerra, em conformidade do disposto no art. 203.º do decreto com força de lei de 25 de maio de 1911, referido a 31 de dezembro de 1913. Lisboa, 1914—1 vol. (0^m,28×0^m,18) com 314—LXXXI pag. Preço, 70 cent.

Está publicado o volume, cujo titulo deixamos transcrito, e que constitue indubitavelmente o livro mais geralmente manuseado pelos profissionais a quem diz respeito. Neste ponto não têm sofrido sensível alteração os costumes do antigo regime. Hoje, como ontem, no nosso exercito como nos estrangeiros, continúa a ser grande a ancia de ascender rapidamente na escala hierarquica, e por isso o *Almanaque* continúa a ser aqui um livro recebido com alvoroço pelos interessados.

O anuario, que agora viu a luz da publicidade, está formulado nos mesmos moldes dos anteriores e nem sequer lhe corrige algumas incorrecções. Assim, no quadro de reserva, tem uma colúna com menos propriedade denominada—Quando julgados incapazes do serviço activo—, a qual regista a data em que os officiaes passaram áquella situação. Mas a verdade é que muitos passaram a ela por virtude de haverem atingido o limite da idade e não por terem sido julgados incapazes, o que não é a mesma cousa.

Mas, quando se passa ao quadro dos officiaes reformados, a colúna correspondente á citada muda de titulo, tendo aí mais razão para subsistir, e denomina-se—Data da reforma—que não merece objecção, parecendo até que devia servir de modelo para a dos officiaes da reserva.

Tambem nos parece excessivo o preço pelo qual o livro foi posto á venda, visto ser uma publicação official, que tem rapido consumo.

Meros reparos são estes, que nada tiram de valôr ao *Almanaque*, cuja oferta agradecemos, e que continua a ser elaborado com o tradicional escriptulo nos assuntos essenciaes.

- 2 ANTONIO RODRIGUES BRANCAL, capitão do Secretariado Militar. — **Repertório de Legislação Militar**, contendo referencias ás principais disposições em vigor, desde 1809 até 30 de junho de 1914. — Lisboa, 1914. Editor, Fernandes & C.^a, rua do Rato, 33 — 1 vol. (0^m,235×0^m,155) — Preço 1\$20.

O autor do livro, que anunciamos, observando que as numerosas comissões de oficiais, que o governo desde longa data tem nomeado para codificarem a legislação militar, dispersa em inumeros diplomas de varias proveniencias, jamais realizaram a missão de que haviam sido incumbidos, e que a obra da mesma natureza executada pela iniciativa particular foi muito prejudicada pela reorganização última das instituições militares, que só deixou subsistentes poucas das antigas disposições, resolveu empreender o trabalho, que agora viu a luz da publicidade, com o proposito de ser util aos seus camaradas.

Não tem o livro o intuito de reproduzir o texto dos diplomas vigentes, mas unicamente o de oferecer um indice bem organizado, que serve para esclarecer os leitores e guia-los no dedalo quasi indecifrável da nossa legislação militar. A empresa era difficil, porque a propria confusão accusada torna quasi impossivel decidir com precisão a doutrina que subsiste e a que foi derogada. O mais distinto jurisconsulto ficará preplexo em muitas dessas circunstancias. Mas, apoiado na experiencia dos serviços e no seu proprio criterio, o autor conseguiu levar ao cabo o seu proposito.

O *Repertório da Legislação Militar* não é, comtudo, no rigor da palavra, simples indice, porquanto cada rubrica contém uma pequena sinopse da disposição legislativa respectiva, tendo o autor tido o cuidado de oferecer cada assunto sob as varias rubricas por que poderá ser encarado.

Além de indicar as disposições em vigor contidas nas Ordens do Exercito, Boletins de Artilharia, Boletins Militares das Colonias e da Guarda Fiscal, o volume contém a sinopse, por ordem cronologica, das cartas de lei, decretos, portarias e circulares, e a lista dos regulamentos e instruções, cada um seguido da indicação dos respectivos artigos, que têm soffrido alterações por outros diplomas. A indicação das rectificações soffridas por cada providencia legislativa em data posterior á da sua publicação, ou seja sobre a forma de errata ou outra, tambem é devidamente mencionada.

Em suma, o *Repertório de Legislação Militar* é um livro verdadeiramente util, que ajudará a vencer mais de uma difficuldade aos que se vêm obrigados a manusear a legislação militar, motivo pelo qual não duvidamos recomenda-lo aos leitores, e felicitar o autor e os editores pela sua illustrada e corajosa iniciativa.

- 3 **Regulamento para o serviço militar dos caminhos de ferro** — Imprensa Nacional, 1914—1 vol. (0^m,165×0^m,115) de 176 pag.

E' uma publicação official, aprovada por decreto de 14 de fevereiro último, constituindo quatro capitulos, denominados:

I. Organização geral do serviço militar de caminho de ferro;

- II. Atribuições dos diferentes órgãos de serviço militar de caminhos de ferro ;
- III. Transportes ordinarios ;
- IV. Transportes estrategicos ;
- V. Transportes especiais ;
- VI. Serviço de reabastecimento e evacuação ;
- VII. Alimentação das tropas durante os transportes em caminhos de ferro.

A simples indicação anterior basta para dar ideia dos assuntos desenvolvidos no novo regulamento, que deve corresponder em tudo ao provado merito dos officiaes, que tomaram parte na sua elaboração.

M. S.



CRÓNICA MILITAR

Argentina

Organização divizionaria. — O exercito permanente é formado por 5 divisões e por tropas não afectas a elas.

Cada divisão compreende: 2 brigadas de infantaria, com 2 regimentos, um regimento de artilharia de campanha com 2 grupos de 2 baterias a 4 peças cada uma e um batalhão de engenharia com 3 companhias.

Entre as tropas independentes figuram 4 regimentos de cavalaria a 4 esquadões.

As tropas de infantaria, estão armadas com a Mauser argentina, e as baterias de campanha com a peça Krupp de tiro rapido, de 75mm, modelo 1909 um tanto diferente do tipo regulamentar na Alemanha.

China

Criação de uma unica academia militar. — Existe a ideia de efectuar a fusão em uma unica das duas escolas militares onde até agora recebem instrução os officiaes do exercito chinês.

O novo centro de ensino chamar-se-ha Escola Pastingfon, e nele serão admitidos os aspirantes que o desejem, sempre que tenham servido durante 6 meses nos regimentos do activo como praças de pret.

Concluidos os seus estudos nesta Academia, depois de dois anos, voltarão os alunos ás unidades de que procedem, para praticar durante alguns meses antes de serem promovidos a officiaes.

O corpo docente é constituido por: 32 officiaes para as aulas teoricas, educados quasi todos no estrangeiro, especialmente no Japão; 13 professores civis para linguas e 48 officiaes da fileira, que terão a seu cargo as aulas praticas (exercicios, tiro ao alvo, serviço de campanha, etc.).

O maximo dos alunos que poderá admitir, será de 1:200, organizados em 12 companhias com 100 praças cada uma, sob o comando de um capitão e 3 chefes de secção, dos quais 6 serão de infantaria, 2 de cavalaria, 2 de artilharia, 1 de engenheiros e outro de intendencia.

Para a instrução teorica, organizaram-se 24 secções com 50 alunos cada uma.

A quarta parte do tempo disponivel, dedicar-se-ha ao estudo, e o resto á instrução pratica, reservando uma tarde em cada semana para serviço de campanha e outra á pratica de tiro.

O uniforme será o mesmo usado no exercito, de côr de cinza, com uma estrela no barrete e o numero de companhia na gola, e a mochila e o equipamento ao usado no exercito.

O armamento consistirá: no 1.º na espingarda Mauser, manufacturada em Schangai; 2.º em 4 canhões Krupp de campanha e 4 de montanha.

A manutenção dos alunos correrá por conta do governo, o qual lhes facilitará também pequenas quantias para os seus modestos gastos.

Dinamarca

Engenharia. — Um decreto real modificou a organização do regimento de engenharia e estabeleceu o grupamento das suas 12 companhias em 3 batalhões com a seguinte composição: 1.º batalhão—duas companhias de engenharia de fortaleza, uma companhia de engenharia de campanha e uma companhia de reserva; 2.º batalhão—duas companhias de engenharia de fortaleza, duas ditas de campanha e uma de reserva; 3.º batalhão—três companhias de telegrafistas.

Escola de cavalaria. — Esta escola tem por missão aperfeiçoar a equitação e fomentar o conhecimento das questões de veterinária.

O ensino de equitação dura 2 anos e a ele assistem os 1.ºs tenentes e sargentos de cavalaria e artilharia que possuem classificações especiais. São agregados todos os anos á Escola 3 oficiais e 6 sargentos ou cabos; ensina-se-lhes hipologia, esgrima e tática.

Geralmente, á frente desta escola está um oficial que tenha praticado em Saumur, e diz-se que em pouco tempo se obteve um excelente resultado.

O contingente de recrutas de cavalaria era de 420 em 1913; o primeiro periodo de instrução durou 200 dias, desde 15 de abril a 2 de novembro; o periodo seguinte foi de 340 dias sendo executado sómente pela terça parte do contingente anual de recrutas.

Por conseguinte, a maior parte dos individuos exercitam-se durante 18 meses de instrução; os reservistas executam dois periodos de 25 dias cada um, no fim do seu 3.º e 5.º ano.

Aos oficiais dão-se-lhes cavalos livres de despêsas. Os das Escolas militares e de cavalaria, são da exclusiva propriedade do exercito.

Duas terças partes dos cavalos são dinamarqueses, o resto procede da Irlanda e da Alemanha; as remontas do país são muito boas, especialmente a de artilharia.

A cavalaria consta de 4 regimentos; 2 activos a 4 esquadrões cada um, e 2 de reserva; em todos os regimentos, cada esquadrão tem agregada uma secção de artilharia.

Estados-Unidos

Emprego do efectivo da cavalaria. — Com o fim de uniformisar os ensinamentos dados na Academia militar de West-Point e nas diferentes escolas concernentes ao emprego da cavalaria, o secretario da Guerra assinou, na data de 3 de outubro de 1913, a instrução, cujo teor é o seguinte:

1.º A acção a cavalo é o papel principal da cavalaria, que deve ser organizada, armada e instruida de maneira a poder exercel-a com eficacia.

Comtudo, a acção a pé é muito mais importante para a cavalaria; uma organização e um método de instrução que não tivessem como fim um em-

prego eficaz desta arma no combate a pé, não lhe permitiria cumprir completamente a sua tarefa em tempo de guerra.

2.º A organização deve ser tal que permita a maior mobilidade, qualidade essencial da cavallaria, assegurando finalmente ás unidades um grande poder de choque na carga e um numero suficiente de espingardas para que possam empregar com sucesso quando tiverem de agir com tropas a pé.

3.º A cavallaria deve poder manobrar livremente e ao longe sem ter muito que se inquietar com a sua rectaguarda.

Como ela se acha frequentemente a grande distancia do grosso de um exercito, necessario se torna que o seu chefe seja investido de uma autoridade que lhe permita agir segundo as circunstancias de momento.

4.º Se bem que a principal tarefa da cavallaria seja ajudar as outras armas a atingir o objectivo comum, o seu papel é frequentemente de grande importancia. A cavallaria deve agir com segurança e audacia, e cada vez que seja possivel, tomar a iniciativa em procurar o inimigo impondo-lhe a defensiva.

5.º A principal arma da cavallaria na acção montada é o cavalo, e o poder do choque deve ser utilizado até aos seus ultimos limites. O terreno e a natureza das operações indicam qual das outras armas é necessario empregar.

6.º Quando as circunstancias permitirem, uma cavallaria oposta a outra cavallaria deve combater a cavalo, ela conserva assim a mobilidade e a capacidade de manobrar necessaria ao seu proprio exito.

7.º As diferentes missões da cavallaria em campanha resumem-se assim:

- a) procurar destruir a cavallaria inimiga;
- b) mascarar as tropas amigas, estabelecer o contacto com o inimigo e efectuar reconhecimentos;
- c) ocupar e guardar as posições importantes, avançadas ou isoladas, de maneira a retardar a marcha do inimigo até á chegada das outras armas;
- d) operar sobre os flancos e á rectaguarda do inimigo;
- e) executar raids e outras operações que exijam uma grande mobilidade;
- f) carregar a cavalo, no momento oportuno, contra a infantaria ou a artilharia de campanha;
- g) perseguir energicamente o inimigo na retirada ou cobrir a retirada das tropas amigas;
- h) emfim, se nenhuma missão acima mencionada tiver sido designada para a cavallaria, ela póde prestar o seu concurso (a pé) a uma infantaria atacada vivamente pelo inimigo, e preencher os claros sobre a linha de fogo.

Vôo em volta do mundo. — O presidente do Aero-Club da America, participa que a direcção da exposição organizada para a abertura do canal de Panamá, concedeu os credits necesarios para levar a cabo o vôo á volta do mundo e situado em um banco de S. Francisco da California.

O tempo maximo de duração foi elevado de 90 a 120 dias, e decidiu-se que no caso de nenhum aviador o levar a cabo no prazo fixado, o que se toinasse vencedor receberá o premio de 800:000 francos com desconto por cada dia de atrazo que excede o dito prazo.

Serão estabelecidas estações com munições e material para reparações,

distantes entre si de 480^{kl.}, devendo os aviadores atravessar embarcados o Atlantico e abandonando-se o primitivo projecto do itinerario pela costa da Asia e da America.

França

Aparelho para atacar aeroplanos e dirigiveis. — A comissão militar de aviação, adótu ha poucos meses definitivamente um tipo de aparelho para atacar aeroplanos e dirigiveis.

Trata-se de um aparelho blindado com uma couraça de 3 milímetros de espessura. Além do piloto, póde levar um passageiro, combustível e projecteis necessarios, sendo dotado de uma velocidade de 145^{kl.} por hora. É susceptivel de elevar-se a uma altura de 500^m em 3 minutos e 45 segundos e de partir ou aterrar dentro de um circuito de 150^m.

Esta nova maquina voadora, tem a denominação de aparelho destroyer «Nieuport».

Metralhadoras nos aeroplanos. — O principal obstaculo que se opõe ao emprego das metralhadoras nos aeroplanos, é a impossibilidade de fazer fogo no sentido da marcha por causa do movimento da helice. Recentemente, tratou-se de evitar este inconveniente com um biplano Deperdussin, colocando a metralhadora muito alta e protegendo o logar do servente com um escudo d'aço, podendo deste modo e graças a esta elevação, fazer o servente fogo sobre a helice. Não se sabe se o sistema já foi ensaiado, mas de todos os modos não é coisa simples o manejo duma metralhadora posta de pé em um aeroplano.

Destroyers aereos. — Apoz experiencias satisfatorias, foi aceite pela comissão militar francesa de aviação um modelo de aeroplano cujo fim é destruir os aeroplanos e dirigiveis inimigos, e embora se não conheçam as suas características, que é natural permaneçam secretas, sabe-se comtudo, que o aparelho é couraçado com uma chapa d'aço e que além do piloto, levará um passageiro e as quantidades necessarias de bombas.

A maquina satisfaz ás seguintes condições:

1.º — Póde adquirir uma velocidade de 137 quilometros por hora;

2.º — Em 3 minutos e $\frac{3}{4}$ póde elevar-se a 500 metros;

3.º — Para se elevar e aterrar, não necessita mais de 135^m de espaço.

E' de presumir que nenhum aeroplano ou dirigivel que seja visto por esta arma invulneravel, poderá escapar á sua acção.

Holanda

Emprego de automoveis. — Os trens regimentais da cavalaria das Indias neerlandêsas, são compostos em parte de charretes e em parte de veículos-automoveis. Estes ultimos compreenderão duas cosinhas de campanha e sete carros cobertos.

Esses veículos transportarão independentemente do pessoal, viveres e forragens para um dia, uma certa quantidade de munições, ferramentas e bagagens dos officiais.

Em principio, qualquer trem regimental deve ficar com as forças princi-

pais, mas se o comandante da cavalaria conhecer exactamente o lugar em que a tropa passará a noite, dá ordem de juntar-se ao chefe do trem-automovel.

Na maioria dos casos, o acantonamento deverá ser escolhido de tal modo que o trem regimental não tenha necessidade de uma escolta especial.

O cuidado de proteger o trem regimental será então deixado ao pessoal que o acompanha normalmente (oficiais inferiores, chauffeurs cosinheiros e cavaleiros não montados que são armados de carabina).

Nas marchas de retirada, o trem regimental deverá, transportar os doentes e feridos. Graças a essas novas prescrições, a cavalaria ficará desembaraçada desta preocupação que lhes causa a proteção do trem regimental e a sua alimentação será melhor assegurada.

Solípedes do exercito. — O efectivo de paz do exercito é de 5:890 cavalos, dos quais 2:618 pertencem á cavalaria.

Quasi todos estes ultimos são adquiridos na Irlanda por uma comissão composta de dois oficiais e um veterinario.

Esta comissão compra cada primavera 380 cavalos de 3 $\frac{1}{2}$ a 5 anos de idade, a um preço médio de 250 escudos.

Existe um depósito de remonta em Millingen, com um estado maior em chefe, um medico, um veterinario, e 154 praças.

Os officiaes apresentam os seus proprios cavalos, recebendo uma indemnisação de 85 escudos ao ano por cavalo.

Inglaterra

Tracção mecanica para artilharia. — Com exito completo acabam de se realizar umas experiencias muito interessantes para julgar da eficacia dos tractores mecanicos no arrastar de peças de artilharia e de carros de munições.

A distancia total percorrida ascendeu a 188 ql., efectuando-se os ultimos 86 em 3 horas e um quarto.

No final da experiencia, os tractores viaturas e peças estavam todos em boas condições, não tendo ocorrido avaria alguma durante a marcha, quer pelas estradas, quer atravez de campos.

Os aeroplanos e o serviço militar na guerra. — Um tenente-coronel inglês do corpo de saude militar, em uma conferencia dada em Whitchall perante a Sociedade real «United Service Institution», fez interessantes considerações sobre o emprego dos aeroplanos como auxiliares do serviço sanitario em campanha, afirmando que se não chegar todavia o tempo para os feridos serem transportados pela via aerea, podem já hoje os aeroplanos facilitar o desempenho da sua missão aos officiaes de saude militar mediante o transporte de material. O coronel Cody, já falecido, interessou-se muito no estudo desta materia, e ele e outros se mostraram convencidos de que mediante a adopção de uma mesa de cirurgia de construção especial, pode prestar o aeroplano grandes serviços transportando este material a grandes distancias.

Italia

Forças mobilisadas durante a guerra contra os turcos de 1911-12. — A mobilização das tropas italianas começou, como se sabe a 28 de setembro de 1911,

e as operações militares começaram em outubro seguinte por um corpo expedicionário contando 34.000 homens e 1.000 oficiais. Este corpo ocupou Tobuck, Desna, Tripoli, Bengasi e Homs.

A revolta de Tripoli e as diferentes dificuldades que encontraram os italianos obrigaram-os a enviar reforços de tal sorte que, no mês de dezembro de 1911, as forças metropolitanas desembarcadas em Africa elevaram-se a 72.000 homens e 2.385 oficiais. Os italianos puderam desde então reforçar as guarnições das localidades acima mencionadas, ocupar Ainzara, Gargaresch, Tagiuza e repelir o inimigo da Cyrenaica.

Para poder satisfazer as exigências do serviço e reprimir o contrabando que se fazia na fronteira tunisiana, enviaram-se de Italia novos reforços, de sorte que os efectivos empregados de outubro de 1911 a maio de 1912, foram os seguintes :

15 de dezembro de 1911—2.385 oficiais e 72.843 homens ; 31 de janeiro de 1912—2.785 oficiais e 86.513 homens ; 31 de maio de 1912—3.522 oficiais e 98.551 homens.

Ao mesmo tempo que em dezembro de 1911 se constituíam em Italia novas unidades, crearam-se em fevereiro e em abril de 1912 um 5.º batalhão crythenano e varias unidades indigenas na Lybia. Em vista destas creações, as tropas indigenas presentes no teatro da guerra, na data de 31 de março de 1912, compreendiam 3.695 homens e 62 oficiais, enquanto que o efectivo das tropas metropolitanas desembarcadas montavam a 3.451 oficiais e 94.856 praças.

Em virtude da occupação do litoral da Lybia decidido com o fim de privar o remuniciamento dos turcos da tomada de Rhodes e das ilhas do mar Egeu, assim como da occupação de Misureta em junho de 1912, o corpo expedicionário cujo efectivo era sempre mantido no completo por meio de reforços em oficiais e em praças, tinha a composição seguinte na data de 15 de agosto de 1912.

Tropas metropolitanas	3.892	oficiais e	90.325	praças
» crythereanas	50	» e	2.532	»
» lybianas	31	» e	1.631	»
Seja um total	2.973	» e	94.470	»

Quando as operações acima mencionadas terminaram, os homens da classe liberal foram reenviados aos seus lares e substituídos por outros.

Mas, ao mesmo tempo a fim de poder repelir o inimigo da Cyrenaica reforçaram-se as unidades, que asseguraram marchas vitoriosas de Derne, Kas-Ras, El-Laben, Casa Aronne, Sidi Abdalla e Side Bilal (20 de outubro de 1912) na Tripolitana.

No entanto o tratado de paz foi assinado em Lausann (18 de outubro de 1912).

As tropas presentes na colonia nesta epoca (15 de novembro) eram as seguintes :

Tropas metropolitanas	3.398	oficiais e	89.789	praças
» crytheanas.	55	» e	3.129	»
» lybianas	53	» e	3.498	»
Seja um total de	3.506	» e	96.416	»

Procedeu-se em seguida á pacificação das populações indigenas, e a pacificação interior da nova colonia. Em vista dos resultados obtidos na Tripolitanea, reduziu-se o efectivo do corpo de occupação e aumentou-se os corpos coloniaes indigenas.

Os efectivos eram os seguintes :

25 de agosto de 1913 :

Tropas metropolitanas	2.794	oficiais e	85.957	praças
» crytheanas	85	» e	4.900	»
» da Sumalia	14	» e	693	»
» lybianas	80	» e	2.922	»
Seja um total de	2.973	» e	94.472	»

31 de dezembro de 1913 :

Tropas metropolitanas	1.879	oficiais e	55.494	praças
» crytheanas	82	» e	4.944	»
» da Sumalia	16	» e	773	»
» lybianas	201	» e	8.230	»
Seja um total de	2.178	» e	69.441	»

Quanto ao efectivo medio das tropas presentes na Lybia e no mar Egeu durante os 825 dias que durou efectivamente a guerra, foi o seguinte : 2.235 officiaes e 84.186 soldados e 16.516 solipedes.

Novo credito extraordinario. — O governo concedeu há pouco um novo credito extraordinario de 194 milhões de liras distribuidas da seguinte forma : espingardas e metralhadoras, 21 milhões ; mobilização, 41 idem ; artilharia de campanha, 15 idem ; idem de praça, 40 idem ; fortificações, 36 idem ; campos de instrução, 30 idem ; remontas, 1 idem ; diversos, 10 idem.

Ferramentas de sapador para as unidades armadas. — Por decreto relativamente recente, estabelece-se o numero e especies de ferramentas de sapador, com que devem contar as diferentes unidades do exercito.

Estas são como segue :

a) Infantaria: Companhias de granadeiros e de bersaglieri: 80 pás e 13 picaretas.

b) Companhias alpinas: 33 pás e 13 picaretas e 60 pás-picaretas.

- c) Companhias ciclistas: 40 pás e 5 picaretas.
- d) Secção de metralhadoras: 10 pás e 3 picaretas.

Japão

Efectivos do exercito. — Na actualidade, o exercito japonês pode mobilizar em caso de guerra 900.000 a 1.200.000 de homens sem lançar mão do exercito territorial. O numero de unidades existentes é o seguinte: Infantaria: 77 regimentos, 228 batalhões. Cavalaria: 27 regimentos, 89 esquadrões. Artilharia de campanha: 25 regimentos, 150 baterias. Artilharia de montanha: 6 regimentos, 30 baterias. Engenharia: 19 batalhões, 57 companhias. Corpo de trem: 19 batalhões, 38 companhias.

Material de aviação. — O parque militar de aviação do exercito encontra-se em Nacano, proximo de Tokio, e entre o seu material existem dois dirigiveis sistema Narajara, Jino, Morigo e Isoba, todos eles japoneses.

No Japão, da mesma forma que na Inglaterra, a aviação naval progride muito mais que a terrestre.

Noruega

Centenario da criação do estado maior. — A 22 de maio do corrente ano celebrou o estado maior norueguês o centenario da sua existencia e o «Norsk Militært Tidsskrift» (n.º de julho), por ocasião desta festa disse o seguinte: «Este acontecimento é interessante não só para esta importante instituição, senão tambem para o país que neste espaço de tempo participou dos seus exitos (guerra contra a Suecia), pelo que é objecto de estima geral. O seu desenvolvimento e trabalho reflectem-se no decorrer do exercito durante os ultimos 100 anos e mostram os efeitos do seu trabalho desde a sua fundação pelo que toda a gente aprecia os seus trabalhos em todos os sentidos para atender á defesa do país.

Grandes eram as exigencias que recaem sobre o estado maior, e diversos os tēmas que havia de resolver, mas não foi menor a satisfação com que todos acolheram os trabalhos desta instituição, a que pertenceram as figuras mais prestigiosas do exercito.

Em reconhecimento dos grandes serviços por ela prestados e convencido de que no futuro saberá tambem cumprir a sua missão, não isenta de responsabilidade, todo o exercito oferece a sua homenagem ao estado maior por ocasião do seu jubileu».

Romania

Novas peças de campanha. — Por ocasião da parada da primavera em Bucarest, apresentarem-se pela 1.ª vez ao publico as novas peças de montanha e os obuzes pezados de 15 centímetros fabricados no Creusot e Saint Chamond, com que foi dotado o exercito romenho.

As peças de montanha são iguais ás empregadas pelos servios e gregos, nas ultimas campanhas e que nas batalhas de Bregalnitz e Strumitza, habilmente ocultos pelo terreno, causáram grandes perdas á artilharia de campanha bulgara, e ainda em certas ocasiões a reduziram ao silencio.

Os obuzes pezados de campanha de 15 centímetros, parecem-se pela sua construção, com ás peças servias, das quais duas baterias foram suficientes, para preparar em 3 dias o ataque aos fortes da parte oriental de Andriopolis.

Sião

Lei de recrutamento. — A que foi promulgada em 1905 e modificada em 1913, estabelece o seguinte: 1.º Todo o siamês de 18 anos de idade é obrigado ao serviço militar, do qual é isento aos 45; 2.º As obrigações deste serviço dividem-se em 4 partes: *a)* Serviço activo, 2 anos; *b)* reserva do recrutamento; *c)* 1.ª cinco anos; *d)* 2.ª 10 anos.

Suecia

Companhia de metralhadoras. — Com o fim de verificar experiencias com o novo material, organisou-se uma companhia de metralhadoras com três secções de infantaria e uma de cavalaria.

A companhia tem a sua residencia em Stockholmo e está affecta á Escola de tiro das armas portateis.

Companhia de metralhadoras. — Com o fim de efectuar experiencias com o novo material, organizou-se uma companhia de metralhadoras com 3 secções de infantaria e 1 de cavalaria.

A companhia tem a sua séde em Stockolmo e está affecta á escola de tiro de armas portateis.

II

PARTE MARITIMA

A GUERRA NO MAR

A falta de revistas estrangeiras, devida ao estado de guerra em que se encontram os países europeus, inihibe-nos que angariar noticias do que se passa nos meios navais, pois que tudo que se lê nas poucas revistas que se recebem, apenas se refere ás perdas sofridas pelas esquadras beligerantes, sem mesmo ainda haver promenores de como se realizam os combates e portanto quais as armas que vão oferecendo mais garantias de vitória.

Pelo pouco que se sabe, porém, parece que o submarino tem provado ser uma arma terrivel e de efeitos seguros, quando bem manobrado, posto que apenas tenha sido empregado em pequenos raids, no entretanto, nesses ataques os seus efeitos tem sido desastrosos.

*

O primeiro contacto entre as forças navais inglêsas e alemãs, teve lugar em 30 d'agosto a Oeste e perto da Ilha Heligoland.

As forças inglêsas eram compostas por uma esquadilha exploradora e

formada pelos cruzadores-rápidos *Birmingham*, *Lewestoft*, *Nottingham*, *Arethusa* e por numerosos destróiers e torpedeiros, cujo numero concreto não se sabe, e cuja rétaguarda cobria uma divisão de cruzadores couraçados, que andavam em vigilância e bloqueio dos mares alemães. Esta força estabeleceu contacto com os cruzadores-rápidos destróiers, torpedeiros e submersíveis que constituíam a avançada exploradora da esquadra alemã, que tem a base em Heligoland, Wilhemshaven e Elba.

Apenas se sabe que das forças inglesas, tiveram avarias importantes, um cruzador-couraçado, dois cruzadores-rápidos e quatro caça-torpedeiros: Os que mais sofreram, foi o cruzador-explorador *Arethusa* e o destróier *Fairlers*.

As forças alemãs perderam os pequenos cruzadores *Maniz*, *Koln* e *Ariadne* e dois destróieres.

Naufogado na Finlândia, perderam os alemães o pequeno cruzador *Magdeburgo*, que tendo sido atacado pela esquadra russa e para não cair em poder dela, se refugiou neste porto.

Até 23 de setembro, o numero de navios alemães capturados no mar pela marinha inglesa, é de 92, aos quais ha a acrescentar os que estão detidos em portos ingleses que são 95, prefaz o total de 187 navios em poder da Inglaterra.

Dos navios ingleses ha 70 detidos em portos alemães e apenas 12 tem sido capturados e metidos no fundo.

As maiores perdas sofridas pela armada inglesa, durante a guerra, foram comunicadas pelo almirantado, e sofridas no Mar do Norte, que é o teatro da luta naval. Os navios afundados por cinco submarinos alemães, foram os três cruzadores irmãos *Aboukir*, do comando de John E. Drummond, *Hogue*, do comando de Wilmot S. Nickolson e o *Cressy*, do comando de Robert W. Johnson. Prestou socorro aos sobreviventes desta grande catástrofe o cruzador *Lawestoft*, do comando de Theobald Kennedy, uma divisão de destróiers e alguns navios de pesca e pequenas embarcações.

Os três cruzadores, eram protegidos e construidos ha 14 anos, tinham 12:000 toneladas, 18 milhas de velocidade e artilhados com 2 peças de 9,2 polegadas e 12 de 6 polegadas, força das maquinas 21:000 cavalos.

O primeiro a ser torpedado, foi o *Aboukir*, em seguida tendo-se-lhe aproximado para proceder ao salvamento, os outros dois o *Hogue* e o *Cressy*, foram estes também torpedados e afundados.

O ataque deu-se perto da entrada do porto Hook na Holanda.

Um telegrama de Amsterdam, diz que o *Cressy* destruiu dois dos submarinos inimigos antes de ele mesmo ser torpedado e que o ataque se deu pelas 7h, 30^m da manhã.

Foram salvos 700 dos tripulantes dos 3 cruzadores.

Da classe destes três cruzadores, restam os *Bacchante*, *Euryalus* e o *Sutley*.

O cruzador inglês *Higflyer*, meteu no fundo cêrca do Rio do Ouro, o transatlântico alemão *Kaiser Wilhelm*, enquanto estava metendo carvão.

No Oriente, continuam bloqueadas em Tsin Tao, as forças navais alemãs, pelos navios ingleses, franceses e japoneses. Os navios alemães, são: os cruzadores-couraçados *Scharnhorst* e *Gneisenau*, de 11:500 toneladas; os cruzadores ligeiros *Leipzig*, *Nurember* e *Euden*, de 3:000 e 4:000 toneladas e varios torpedeiros e canhoneiras.

BIBLIOGRAFIA

I — LIVROS

França

- 1 BEAUCHESNE général de. *Cavalerie régutaire d'une armée manœuvrière*. Titre 1^{er} Emploi de la cavalerie. Titre II : Instruction de la cavalerie. In-8, 175 p. avec fig. et 5 planches. Charles-Lavauzelle. Paris. 1914.
- 2 BELLANGER (C.), artiste peintre (hors concours) professeur à l'Ecole spéciale militaire. *Le Dessin aux cours préparatoires et dans les écoles militaires*. 1913. In-4, 47 p. avec 40 fig. Garnier frères. 6, rue des Saints-Pères. Paris.
- 3 GARROS (comte H. de) commandant. *Souvenirs de la guerre franco-allemande 1870*. Le Fanion vert du quatorzième alpins. 1913. In-8, 147 p. Impr. J. Ventre. Nice.
- 4 *Service de santé en campagne. Notices. Volume arrêté à la date du 15 Septembre 1913*. Petit in-8, 48 p. avec fig. et planches. 1913. Charles-Lavauzelle. Paris.
«Bulletin officiel du ministère de la guerre». Edition méthodique, n.º 82 bis.
- 5 *Service des armées en campagne. Conduite des grandes unités*. Volume arrêté à la date du 28 octobre 1913. In-16 oblong, 63 p. Charles-Lavauzelle. Paris. 1913.
Ministère de la guerre.
- 6 *État militaire des officiers de cavalerie des remontes et des vétérinaires de l'armée*, 1^{er} janvier 1914. In-8, 716 p. H. Charles-Lavauzelle. Paris.
- 7 GENTEN DE CHALES, capitaine en retraite, secrétaire de l'Association nationale des officiers en retraite (groupement de la Marne). *Conférence de garnison faite le 6 mars 1914, à l'hôtel de ville de Reims*. Petit in-8, 16 p. 1914. Impr. Jeanne d'Arc, 4, rue des Fusiliers. Reims.
- 8 LE POINTE (H.). *Historique du 6^e régiment de cuirassiers (1635-1912)*. In-16, 67 p. J. Pitault, édit., 5, rue de la Banque. Paris. 1914. (17 mars).
- 9 MONTIER (E.). *Les méditations du soldat et l'Éducation patriotique*. 1914. In-16, 294 p. Société française d'impr. et de libr. Paris Fr. 3,50
«L'Éducation Intégrale».

- 10 CALMON-MAISON (marquis). *Le Général Maison et le premier corps de la Grande Armée*. Campagne de Belgique (décembre 1813 — avril 1814). In-8, II-342 p. avec portrait et carte. Calman-Lévy. 1914. Paris
Fr. 7,50
- 11 CASLANT (capitaine E.) du génie. *Passé et Avenir de la navigation aérienne*. L'Hélicoptère futur. In 8, III 373 p. avec fig. 1911 (7 mars 1914) R. Chapelot et Cie Paris
- 12 *Concentration (la) allemande, d'après un document trouvé dans un compartiment de chemin de fer*. Traduit fidèlement par *** 1914 (7 mars). In-8, 39 p. et un croquis. Marc-Imhaus et René Chapelot. Paris — Nancy.
- 13 MONTBAS (H. de). *Épisodes de la guerre de Trente Ans*. Une émeute gréviste des sayeteurs d'Amiens (1-3 avril 1636); 1914. In-8, 16 p. Ed. Champion. Paris.
Extrait de la «Correspondance historique et archéologique» année 1913.
- 14 PALAT, général (Pierre Lehautcourt). *L'Alliance franco-allemande, ou la Guerre*. Réponse à M. Sembat. 1914 (7 mars). In-16, 222 p. Marc Imhaus et René Chapelot. Paris
Fr. 3
- 15 TOULORGE, colonel breveté, commandant le 72^e régiment d'infanterie, ancien professeur à l'Ecole supérieure de guerre. *Le Service d'état-major en campagne. Première partie. Avant la bataille*. 1912. (7 mars 1914). In-8, VIII-504 p. Marc Imhaus et René Chapelot. Paris — Nancy.
- 16 HOSOTTE (L.) rédacteur en chef à «l'Eclair comtois». *La Question militaire*; 1914 In-12, 24 p. Impr. de «l'Eclair comtois». Besançon.
- 17 *Instruction du 4 février 1914 sur la liaison dans les corps de troupe (agents de transmission, planton, signaux), suivie de l'instruction du 15 avril 1912, relative aux commandements par gest et par sifflet* (commune à toutes les armes). 1914 (18 mars). In 16, 30 p. avec une figure. Marc Imhaus et René Chapelot. Paris — Nancy
C. 50
Ministère de la guerre.
- 18 PAGEZY, capitaine d'artillerie. *Étude sur le tir*. Avec 35 figures dans le texte. In-8, 71 p. Berger-Levrault. Paris. 1912
Fr. 2
Extrait de la «Revue d'artillerie» janvier, juin, et juillet 1912.
- 19 *Vie (la) militaire en France et à l'étranger* (2^e année) 1912-1913. Lieutenant-colonel Mordacq l'Officier au xx^e siècle. Lieutenant-colonel Savatier: Le commandement d'une armée. Lieutenant-colonel Colin: Notes sur la couverture, commandant Challeat: Préoccupations publiques au sujet de l'artillerie. Jean Dany. Les Armées du monde en 1913. In-16, 368 p. 1914. F. Alcan. Paris
Fr. 3,50

Inglaterra

1 Government Publications:

- ADMIRALTY. Amendments, 1st August, 1913. Dress Regulations for the Army 2d
- The Pattern 1908 Web Infantry Equipment. 1913. 2d
- 2 BARTHOLOMEW'S War Map. Central Europe, 1914. J. Bartholomew (Edinburgh) net 1/

- 3 *Daily Telegraph* War Map (The) No. 2. Large Scale Map of the Fighting Areas. Paper. Geographia. net 1/; on cloth, net 2/6; varnished and mounted on rollers, net 5/6
- 4 *Large-scale* Map of Part of North-East France, extending from Brussels to Espinal and from Reims to the Frontier. Enlarged from the French Staff Map. Scale 4 miles to an inch. In 4 sheets. *Sifton, Praed* 6/
- 5 *Strategic* Map of Gountries Bordering on the North Sea. *Sifton Pread* 2/6
- 6 *Star* War Map (The) *Office* net 3/d
- 7 *European* War Map, 1914. Full coloured. 7th ed. *W. & A. K. Johnston* net 1/
- 8 *GALL & INGLIS'* War Map of Central Europe. *Gall & Inglis* 2d
- 9 *Graphic* War Map (The) *Office* 3d
- 10 *Stanford's* Map of Central and Eastern Europe showing the International Frontiers. No. 1, Central and Eastern Europe, 5/6, 8/6; No. 2, Holland and Belgium, 2/6, 5/; No. 3, France, with parts of the adjoining Countries, 2/6, 5/. *Stanford.*
- 11 *Strand* War Map of Central Europe (The) *Newnes* net 6d
- 12 *Gill's* War Maps and Commercial References. *G. Gill.* net 6d; on linen, net 1/
- 13 *Stanford's* War Maps, Eo. 7. The Seat of War in France, including London, Flushing, and Antwerp on the North. Cherbourg and St. Nazaire on the West, Mainz and Strassburg on the East, Poitiers and Le Crewzot on the South. 3 in. by 22 in. 17 3/4 miles to 1 inch. *Stanford* coloured sheet, 2/6; mounted, 5/
- 14 *The Regiment* War Map and Large Scale Map of Belgium *E. J. Larby* 1d
- 15 *Break!* How the British Seamen Prepare for War. By A Naval Officer. and revised ed. 12mo. pp. 95. *«The Fleet» Office* net 1/
- 16 *GAMON* (Maurice) *The Spirit of Scouting.* Cr. 8vo. swd. *Pilgrim Press* net 6d
- 17 *How to Keep «Fit»*; or. *The Soldier's Guide to Health, in Field, Camp, and Quarters.* Compiled by Surgeon-Major H. Waite. 2nd ed., revised. 12mo, pp. 60. *Gale & Polden* 3d
- 18 *JANE* (Fred T.). *The British Battle Fleet, its inception and growth throughout the centuries.* Illustrated. Cheaper re-issue. Royal 8vo, pp. 422. *Partridge* net 10/
- 19 *KENNEDY* (J. M.) *How the War Began.* («Daily Telegraph» War Books.) Cr. 8vo, pp. 216. *Hodder & S* net 1/
- 20 *Naval Occasions* and Some Traits of the Sailorman. By Bartimaeus. Popular ed. Cr. 8vo, pp. 310. *W. Blackwood* net 1/
- 21 *RUDINGER* (St. Piero) *The Second Revolution in China.* 1913. My Adventures of the Fighting around Shanghai, the Arsenal, and Woosung Forts. Cr. 8vo, pp. xii.—177. *Shanghai Mercury.*
- 22 *GARNETT* (W. H. Stuart) *Seamanship for Scouts.* Illustrated by Diagrams and Photographs. 12mo, pp. 118. *Gardner, Darton* net 6d 1/
- 23 *HOWELL* (Major P.) *The Campaign in Thrace, 1912.* (Six Lectures.) 8vo, pp. 176. *H. Rees* net 4/

- 24 JACKSON (Murray Cosby) A Soldier's Diary, South Africa, 1899-1901. Illustrated. 8vo, pp. 378. *M. Goschen* net 10/6
- 25 MIDDLE Watch Musings. By Guns, Q.F.C., and Phyl Theeluker. 4th and cheaper edition. Cr. 8vo, swd, pp. 186. *Simpkin* net 1/
- 26 WAR Book of Facts (The) 3.000 Figures and Facts about the Conduct of the War, the present Crisis, and its Causes. 8vo, bds., pp. 128. *A. W. Shaw* net 2/6
- 27 WAR (The) No. I. Illustrated. 4to, swd, pp. 36. *T. Nelson* 3d

II — PERIODICOS

Portugal

- 1 *Anais do Club Militar Naval*, n.º 8 de agosto de 1914. O nosso problema naval. Contra-torpedeiros. Estrategia do tempo de guerra. Algumas questões referentes ao desenho do navio couraçado. Contra-torpedeiro. Os acontecimentos navais da actual conflagração.
- 2 *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, n.ºs 5 a 8 de maio e agosto de 1914. O distrito de Quelimane. A implantação da industria do ferro em Portugal. Ideias, factos e homens.
- 3 *O Instituto*, n.ºs 7 e 8 de julho e agosto de 1914. Memorias de Carnide. Memorias arqueologico-historicas do distrito de Bragança. Inventores portugueses. O Fausto de Goethe. Judeus na Ilha de S. Miguel. Artes e industrias metálicas em Portugal — Relojoaria.
- 4 *Revista de artilharia*, n.º 122 de agosto de 1914. Provas mecanicas dos aços para canhões. A defesa dos pontos de apoio estrategicos do Atlantico. Estudos sobre defesa de costas.
- 5 *Revista ilustrada*, publicada pela «Sociedade hipica portuguesa», n.º 35 de agosto-setembro de 1914. A guerra e o sport. Equitação militar. Divagando pelo hipismo. Impressões do concurso do Porto. Raid hipico. Concorrentes estrangeiros. Recordações dos tempos idos. Resultado do Concurso hipico internacional de Lisboa.

Alemanha

- 1 *Artilleristische Monatshefte*, n.º 92 de agosto de 1914. Die Infanterie im Artilleriefaeer. Wie sollen Feldbatterien schießen? Des Richten nach Hilfszielen. Unfälle mit Geschützen und Munition in den Jahren 1912 und 1913. Beitrag zur Sutahtik. Die Feaerwaffen in den Kriegen 1864, 1866 und 1870/71.

Argentina

- 1 *Revista militar*, n.º 259 de agosto de 1914. La aeronautica militar en Italia. La preparación racional del tirador para la guerra. Ejercito aleman.

Austria-Ungria

- 1 *Die Flagge*, n.º 8 de agosto de 1914. In memoriam. Erzherzog Franz Ferdinand und die Marine. Die Teilnahme des Auslandes. Die letzte Seereise der Thronfolgerpaares. Patriotische Jugenderziehung. Die adriatischen Bestrebungen Serbiens. Unsere Donauflottille. Transige Keimfahrt. Tranerkundgebungen.

Brazil

- 1 *Boletim mensal do Estado maior do exercito*, n.º 2 de agosto de 1914. Notas editoriaes. Cousas militares. Serviço de estradas de ferro e m campanha. Exercito norte-americano. A triplice missão da cavallaria. Preparação para a Academia de guerra de Berlim. Raid hippico militar.

- 2 *O Tiro*, n.º 65 de agosto de 1914. A questão dos 100 % nos alvos. Neutralidade do Brasil quanto aos paizes conflagrados. Novo alvo electro-mechanico. Diploma de tiro. Regulamento de tiro para a infantaria. Percentagem em impactes. Tiro de revolver. Emprego das granadas em epoca contemporanea.
- 3 *Revista maritima brasileira*, n.º 2 de agosto de 1914. A conflagração europeia. Evolução do navio dreadnought. Elementos tacticos para o tiro de torpedo. Preparar um canhão para o fogo. Os recentes progressos de radio-telegraphia. Os perigos das ondas hertzianas. Questões de mathematica.

Chile

- 1 *Memorial del Estado mayor del ejercito*, n.º de agosto de 1914. Cuestiones militares. Patrullas de caballeria en la guerra del Pacifico. Opiniones alemanas sobre la guerra moderna. Informaciones sobre la guerra Turco-Balkanica. Aeroplanos i artilleria. Enver-Bey. Las transformaciones de la guerra. Estudio sobre las polvoras organicas i las eroziones en los cañones. Estudio sobre el servicio de patrullas. Abrigos para artilleria. Ejecucion practica de la triangulacion de 2.ª orden. El nuevo Reglamento de artilleria i la dotacion de paz de la bateria montada.

Espanha

- 1 *Estudios miliiares*, n.º 2 de agosto de 1914. El infante y el terreno. El ejercito brasileiro. Las nuevas tablas de tiro del fusil Mauser reglamentario con la bala P. Memoria hecha sobre la base de apuntes tomados durante el curso de 1911 en la Escuela de tiro de infanteria. Psicologia militar. D. Carlos Francisco de Honchain, Marqués de Croix, capitan general de ejercito. Tactica de huelgas. Ensayo acerca de la guerra de guerrillas. El enlace de las armas en el campo de batalla.
- 2 *Información militar del extranjero*, n.º 2 de agosto de 1914. Los armamentos de las grandes potencias. Las grandes maniobras y ejercicios en 1914. Las nuevas unidades en Alemania. Notas sobre las fronteras de Alemania y Austria con Francia y Rusia. Las operaciones del ejercito rumano en Bulgaria en 1913. Argentina.
- 3 *Memorial de artilharia*, n.º de agosto de 1914. Artilleria — Pirotecnia militar de Sevilla : Resumen de los trabajos realizados en esta Fabrica y de los acuerdos de su Junta Facultativa en el año de 1913. Conferencia escrita sobre la constitución del frente ofensivo-defensivo del II ejercito japonéz con posterioridad á la batalla de Liao-Yang. Crónica interior. Crónica exterior.
- 4 *Memorial de infanteria*, n.º 32 de agosto de 1914. Tercer concurso del Memorial de infanteria. Teoria del reloj. — Orientación. Influencia de los caracteres psicologicos de los alemanes en el desarrollo y formación del ejercito. Version española del reglamento aleman para la instrucción táctica de las compañías de ametralladoras. Las tropas coloniales. Principios de la táctica razonada de las marchas y operaciones de noche. La nueva tabla de tiro del fusil Mauser con bala P. Orientaciones acerca de las granadas arrojadas y de las secciones de granaderos.
- 5 *Memorial de ingenieros del ejercito*, n.º de agosto de 1914. Estación radiotelegrafica de Bilbao. Telefonía de campaña. Las tropas y servicios de ingenieros en Marruecos. Necrologia.
- 6 *Revista de caballeria*, n.º de agosto de 1914. Los problemas sobre el plano. Experiencias sobre alimentación del ganado del arma de caballeria. La doma de potros en los regimientos. Caso curioso de uniformidad sexual en todos los productos de un semental. El nuevo equipo de gala. Consideraciones sobre el arma de caballeria.
- 7 *Revista tecnica de infanteria y caballeria*, n.º 3 de 1 de agosto de 1914.

Asuntos militares. La obra militar de la Revolución francesa. Cria caballar. Manual de telegrafia militar.

França

- 1 *Journal des sciences militaires*, n.º 168 de 1 de agosto de 1914. La Double alliance. L'évolution militaire des notions scandinaves. Quelques avantages de la loi de trois ans. Aperçu sur l'artillerie. — Son passé, son présent, son avenir. Exercices pratiques de cadres. — Les grandes unités.
- 2 *Le spectateur militaire*, n.º 573 de 1 de agosto de 1914. Au combat ! repos, ailleurs ! Notes sur la politique indigène. Nietzsche et ses pensées sur la guerre. Le soldat d'Afrique.

Italia

- 1 *Rivista di cavalleria*, n.º de agosto de 1914. Forza numerica degli ufficiali dell' arma di cavalleria. Da un mese all' altro. Il generale Alberto Pollio. La banda Marozzi. Armamento delle Cavalleria. Poche parole di osservazioni all' articolo di G. M. Quel che si fa fare oggi in guerra della cavalleria. Il viaggio d'istruzione del 1.º e 3.º squadrone.

Mexico

- 1 *Revista del ejercito y marina*, n.ºs 7 y 8 de julio y agosto de 1914. El valor de la ignorancia. Un nuevo proyecto marítimo muy bueno o muy malo. Las ventajas del militarismo. Estudios tácticos de pequeñas unidades de infantería.

Noruega

- 1 *Norsk militært tidsskrift*, n.º de agosto de 1914. Sier og Metrand 1814. Ovelses og befalssporsmaalet i høeren. Marsgevelser. Meddelelser fra ind og utland.

Perú

- 1 *Boletim del Ministerio de guerra y marina*, n.ºs 15 y 30 de junho y 15 y 30 de julho de 1914. Selección medica de los contingentes. La nueva ley militar del ejercito alemán. Instrucción para los ejercicios de aplicación — juego de guerra. Trenta problemas tácticos. Conferencias regimentarias. El general Sheridan y la guerra de Secesión. Ganado Caballar de silla. Nuevo reglamento inglés para maniobras de infantería. Patrullas de caballería en la guerra del Pacífico. Valor material de las Armadas.

Romania

- 1 *Romania militara*, n.ºs de junho y julio de 1914. Cronica. Kranirea trupelor in campanie. Note asupra operatiunilor armatei noastre in Bulgaria. Expunere generala asupra serviciului sanitar in campanie. Din Bulgaria. Polemica intre generalii Fieff si Dimitrieff. Lucrarea Itatului Major German relatia razboiul balcanic. Regulamentul cavaleriei rusesti. 1913. Problema strategica. Catana articole din legea de inaintare a armatei Austro-Ungare. Calul in artilleria noastra calareata.

Uruguay

- 1 *Revista del centro militar y naval*, n.º 124 de agosto de 1914. Belgica, modelo. Sobre pensiones militares. El doctor Roque Sáenz Peña. El aumento en las pensiones. Paginas de historia militar. Para ayudarte en el comando de tu compañía. Los soldados de la Revolución. Sombra de Napoleón. La guerra europea. Movilización rusa. Dos planos de operaciones. Consecuencias de la guerra. Concurso de tiro entre las compañías del Batallón de Infantería n.º 4. Notas locales.